

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:

EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO, LINGUAGEM E ARTE

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE AMORIM

**vida
e
arte
e
educação
e(m)
criações**

Autora: Alda Regina Tognini Romaguera

Campinas

2010

PREZADO LECTOR
Ao enviar o material bibliográfico, você se
torna responsável por ele. Esperamos que
faca bom uso e que todos os dados, pois se
houver qualquer erro (falhas, faltas, etc.)
ou extrano de mesmo, por favor, nos
sobre para reposição.

A DIREÇÃO

IMPRESSÃO DE

1150090383
FE
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE
CAMPINAS
TJUNICAMP 1986v

© by Alda Regina Tognini Romaguera, 2010.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecária: Rosemary Passos CRB-8ª/5751

Romaguera, Alda Regina Tognini.

R66v Vida e arte e educação e(m) criações / Alda Regina
Tognini Romaguera. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Antonio Carlos Rodrigues Amorim.

Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Vida. 2. Arte. 3. Educação. 4. Criação. 5.
Resistência. I. Antonio Carlos Rodrigues
Amorim. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

10-220/BFE

Titulo em inglês: Life and art and education and/in creation

Keywords: Life; Art; Education; Creation; Resistance

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues Amorim (Orientador)

Profª. Drª. Alik Wunder

Prof. Dr. André Pietsch Lima

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Prof. Dr. Wladimir Antônio Costa Garcia

Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior

Data da defesa: 24/11/2010

Programa de Pós-Graduação: Educação

e-mail: aldaromaguera@hotmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Vida e Arte e Educação e(m) criações

Autora: Alda Regina Tognini Romaguera

Orientador: PROF. DR. ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE AMORIM

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por **Alda Regina Tognini Romaguera** e aprovada pela Comissão Julgadora.

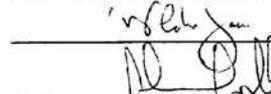
Data: 24/11/2010

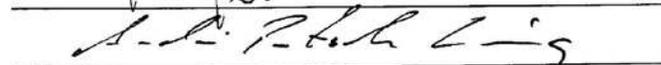
Assinatura:

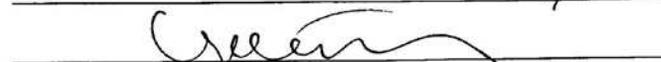


Orientador:

Comissão Julgadora:







2010

RESUMO

... e pela criação se resiste educação. Explorar na arte o conceito de resistência e fazer conexões com a vida singular, não orgânica. No entre virtualidade e singularidade enquanto potência de criação, compor com imagens na/pela linguagem. Na confluência entre os planos conceitual e de composição, movimentar sentidos de uma vida singular, de forças vivas que se manifestam e gestam novas sociabilidades, novas sensibilidades, inaugurando encontros entre seres. Procurar a produção de sentidos que se querem experimentações na/da arte, no encontro entre bioarte e vida singular, numa linha inventiva transpassada pela criação artística, movimentando dimensões de invenção, interação e cooperação. No plano de composição, optar pela condição do corte e pensamentos em fluxos, ao trazer para estas páginas imagens/capítulos-giros que se querem exemplares, considerando com Agamben a definição de exemplo enquanto singularidade, o ser-dito, enunciado que se mostra ao lado. No plano conceitual, imagens e conceitos escorrem, escoam e cortam e se antagonizam por entre os capítulos; buscam traços teóricos na argumentação filosófica dos escritos de Deleuze e de leitores de algumas de suas obras. Exercício de pensamento que se faz em proliferação de ideias, abrindo múltiplas possibilidades que escolhem linhas e trançados para esta tese: pensar o conceito de singularização da vida pelas potências-bio, na intersecção entre arte e ciência e filosofia. Fazer da singularidade um problema, concebido com Deleuze enquanto abertura a ação; e extrair da vida singular que se deixa perfurar, fabricar e criar por entre as linhas da vida, momentos de reflexão intensiva com criações artísticas: cinema, literatura, bioarte e imagens de uma instalação. Do entre da ciência e da arte, emana o conceito de bioarte e, de mãos dadas com a filosofia, jogam-se dados da vida singular. O esvaziamento corpóreo acontece por composições de textos e imagens tensionadas pelo vazio e que, por entre silêncios e texturas, apostam nas fendas que se abrem por entre imagens-palavras, esvaziando-as.

Palavras-chave: vida; arte; educação; criação; resistência.

ABSTRACT

... and through creation education resists. Explore in art the concept of resistance and make connections with singular, non-organic life. In between virtuality and singularity, as a potency of creation, compose with images in/through language. In the confluence of the conceptual and the composition planes, deal with the meanings and directions of a singular life, of living forces that come up and give birth to new sociabilities, new sensibilities, leading to encounters of beings. Search for the production of meanings and senses in experimentations in/of art, in the encounter of bioart and singular life, in an inventive line running through artistic creation, moving dimensions of invention, interaction and cooperation. In the plane of composition, opt for the cutting condition and for the flow of thought, by bringing to the pages gyre-images/chapters as examples, considering, with Agamben, the definition of example as singularity, the being-in-language, the statement placed sideways. In the conceptual plane, images and concepts drip, drain and cut and antagonize through the chapters; their theoretical traces in the philosophical argumentation of Deleuze and readers of his writings. Exercise thought in the proliferation of ideas, opening for multiple possibilities that choose lines and weaving traces for this thesis: think of the concept of singularization of life through bio-potencies, in the intersection between art and science and philosophy. Consider singularity a problem, understood with Deleuze as an opening to action; and extract, from the singular life that allows drilling, fabricating and creating in lines of life, moments of intensive reflection with artistic creations: cinema, literature, bioart and images in an installation. From between science and art the concept of bioart derives and, allied with philosophy, the dice of a singular life is played. The corporeal emptying takes place in compositions of texts and images that are tensioned by the void and that, in between silences and textures, value the gaps and fissures opened in between word-images, emptying them.

Key-words: life; art; education; creation; resistance.

Para você

Gracias a la vida

Com mercedes sosa e aos antonio carlos, múltiplos e queridos midas a transbordar vida em tão lindos encontros, todos os aplausos, obrigado, gente! Pelas sensíveis e artistas madames aliks alecrins, por perfumar os ventos e dançar em rodas, obrigado, gente!

Pelas divinas davinas, mãe que se multiplica em colo quente, amiga/menininha de tantas leituras e vibrações em força e em luz, obrigado, gente!

Pela louca companhia de boas ideias e santas pajelanças de eriquitas bonitas, a presentear-me com suas presenças, obrigado, gente!

Pelas tantas e tão belas mulheres janáinas doces e guerreiras, obrigado, gente!

Pela alegria crianceira de Nise, Helen, NiseBara, Nisoca, todas em risos, companhias pensamenteiras, obrigado, gente!

Pelos cuidados e carinhos de renatas, cordobesas companhias, de gestos e comidinhas que aquecem o coração, obrigado, gente!

Pelas leituras de vocês sete: alik, andré, sílvio, wences, wladimir, giovana e cristina, em banca debruçados, obrigado, gente!

Pela companhia dos que chegaram agora, dos que vem de longe, dos que já estavam e dos que virão em aquosos humores, salve, salve! Obrigado, gente!

Pela acolhida e por pertencer a esta família, mãe, pai e irmãos, obrigado, gente!

E gracias a la vida que me deu as três, multiplicadas mulheres, e que em heloísa me devolveu ternuras de começos, obrigado, gente!

Sumário

Turbilhonantes giros a misturar pensamentos

<i>In media res.....</i>	<i>01</i>
<i>I - .e?.....</i>	<i>07</i>
<i>II - e(m) virtual singularidade.....</i>	<i>49</i>
<i>III - entre(hi)atos e(m) poemas.</i>	<i>83</i>
<i>IV - e vida e arte.....</i>	<i>117</i>
<i>V - e escrita e(m) educação.....</i>	<i>143</i>

In media res...

Estar e não Ser, eis a questão que movimenta meus pensamentos no encontro com a filosofia da diferença e com uma educação que quer diferir. Da filosofia, recolho fragmentos dos pensares nietzschianos que reverberam na criação de conceitos em Deleuze; da educação, escolho a possibilidade de intercessão com potências criativas da arte, da ciência e da filosofia.

Estou educadora e esta condição quase me convence a dar explicações. Escolha que me faria enveredar pelos caminhos da memória, o que obrigaria o leitor a compartilhar da minha prática, tracejada em exemplos, e a aceitar as múltiplas entradas e saídas que se anunciam nos modos de fazer, nas linhas metodológicas da pedagogia.

Mas escolho trazer da minha experiência profissional com/na educação as inquietações que movem uma vontade de resistir ao aprisionamento de ideias, ao modo como os discursos e as práticas instituídas nos capturam e nos paralisam, diminuindo possibilidades de inventar. A resistência a esses aprisionamentos quer acontecer no enquanto trabalho e penso e me provoço e mudo de posição, me desloco e estudo e forço o pensamento a pensar e escolho estar educadora em efêmero estado, de movimento, de escape...

Escolho não compor esta tese com/por aportes teóricos que se inscrevem no plano da recognição, no sentido deleuziano dado a este termo para exercícios

¹ In media(s) res (latim para "no meio das coisas") é uma técnica literária onde a narrativa começa no meio da história, em vez de no início. [Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

que se fazem a cada vez que o pensamento se acomoda e se reconhece e se identifica e aceita sem criar, que apenas copia o já pensado, que se reproduz.

Lanço-me a um desafio de romper com a reprodução, na tentativa de pensar com/por outros movimentos, que se fazem na/pela repetição que difere, como que em Heráclito devir, abrindo possibilidades de produzir pensamentos na educação. Escolho pensamentos que não afirmam um mundo que se movimenta pelo referencial platônico - que essencializa e estabelece verdades - mas que apostam na criação de infinitos mundos, que se fazem múltiplos pelas possibilidades de singularizar. Por entre(hi)atos e(m) poemas e escrita e(m) educação, e vida e arte e(m) virtual singularidade, a criação da tese.

Realizo leituras transversas de/por textos filosóficos contemporâneos que se inscrevem na filosofia da diferença e procedo de um jeito anárquico, permissivo e voraz, desobediente leitora, que lê com o corpo todo e se deixa afetar e produz pensamentos em pulsos.

No mosaico de contribuições estéticas que giram pelos capítulos, se desenham estas leituras acrescidas de conversas com amigos do grupo de pesquisa "Humor Aquoso", no encontro com suas produções e com o orientador desta tese. Deriva destes encontros um fértil emaranhado de ideias que movimentam a criação e a produção de pensamentos. Nestes espaços de criação proliferam manifestações artísticas múltiplas, que provocam a intersecção com outras referências que não apenas as do plano educacional.

Vida e arte e educação e(m) criações se faz transpassar por essas forças criativas e se desenha em indefinidos contornos, que não se prestam a traçar caminhos nem receitas, mas querem provocar porosidades no *quase* monolítico bloco de ideias que transitam nos espaços de educação. E quer girar estes pensamentos aerados em turbilhonantes capítulos-giros, que movimentam

conceitos em composições com imagens dos artistas e criações de poemas, resistindo à forma-modelação por singularidades incorpóreas, vida não orgânica que pode se manifestar nas linguagens, que escapa.

E quer proceder por disjunção inclusiva, aproximando termos desacostumados e contraditórios, paradoxais, que no plano educacional se estranhem e criem des-certezas. Abrir espaços de intervalo para penetrar no entre, manifestar vontades de pensar onde parece não haver pensamentos; nas fendas das práticas pedagógicas não aceitar significações, antes a-significar; nas fissuras do aprisionamento do plano educação, hiatar, abrir brechas e criar cisões nesta/desta palavra. Vazar para fora das margens da ordem orgânica, do natural ou naturalizado das palavras-coisas da educação, da pesquisa em educação. Escolher a conjunção e para compor estranhos encontros, tensionados pelo vazio. Criar a possibilidade de hiatar, no intransitivo verbo que substantiva a ação.

Poemas, imagens de uma obra da bioarte e de uma instalação, trechos de um filme, textos literários e rubros escritos se movimentam em turbilhonantes giros, girando ventos em pensamentos-educação. Ventos que se fazem poéticos, como se *tempestade criadora*, em Bachelard (*O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*, 2001, p. 233): "(...) a tempestade criadora, o vento de cólera e de criação não são apreendidos em sua ação geométrica (...). Nada mais pode deter o movimento turbilhonante (...). O grito produz imagens, o grito gera a palavra, o pensamento. Pela cólera, o mundo é criado como provocação. A cólera funda o ser dinâmico". Criar mundos-educação provocativamente, colericamente.

Gritar imagens-palavras-pensamentos e problematizar a força do Fora no e, por palavras e(m) imagens a compor sensações cor, luz, giros e sons: e pela

criação se resiste educação. Explorar na arte o conceito de resistência e fazer conexões com a vida singular, não orgânica. No entre virtualidade e singularidade enquanto potência de criação, compor com imagens na/pela linguagem.

Na confluência entre os planos conceitual e de composição, caminhos de criação passeiam por giros turbilhonantes que movimentam sentidos de uma vida singular, de forças vivas que se manifestam e gestam novas sociabilidades, novas sensibilidades, inaugurando encontros entre seres. Procurar a produção de sentidos que se querem experimentações na/da arte, no encontro entre bioarte e vida singular, numa linha inventiva transpassada pela criação artística, movimentando dimensões de invenção, interação e cooperação, "no espaço vazio do exemplo, sem estarem ligadas por nenhuma propriedade comum, por nenhuma identidade" (AGAMBEN, *A comunidade que vem*, 1993, p. 17).

No plano de composição, optar pela condição do corte e pensamentos em fluxos, ao trazer para estas páginas imagens/capítulos-giros que se querem exemplares, considerando com Agamben a definição de *exemplo* enquanto singularidade, o ser-dito, enunciado que se mostra *ao lado*: "um objeto singular que se dá a ver como tal, [que] mostra a sua singularidade (...) [o exemplo] é uma singularidade entre as outras, que está, no entanto, em vez de cada uma delas, vale por todas" (AGAMBEN, 1993, p. 16).

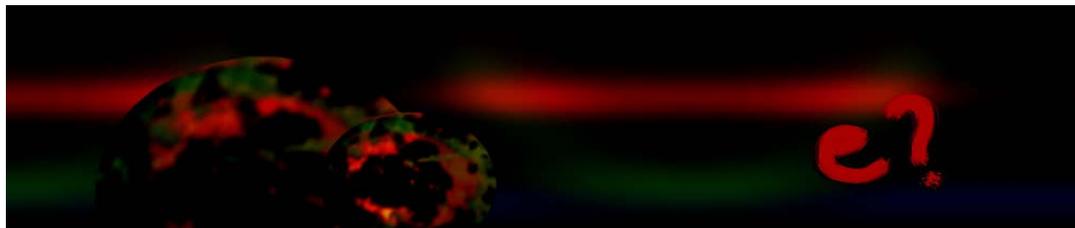
No plano conceitual, imagens e conceitos *escorrem, escoam e cortam* e se antagonizam por entre os capítulos; abrem polêmicas, des-acordam-se. Sem acordo, sem-consenso, no sem-censo do *non sense*, buscam traços teóricos na argumentação filosófica dos escritos de Deleuze e de leitores de algumas de suas obras. Exercício de pensamento que se faz em proliferação de ideias, abrindo múltiplas possibilidades que escolhem linhas e trançados para esta

tese: pensar o conceito de singularização da vida pelas potências-bio, na intersecção entre arte e ciência e filosofia. Fazer da singularidade um problema, concebido com Deleuze enquanto abertura a ação; e extrair da vida singular que se deixa perfurar, fabricar e criar por entre as linhas da vida, momentos de reflexão intensiva com criações artísticas: cinema, literatura, bioarte e imagens de uma instalação. Do entre da ciência e da arte, emana o conceito de bioarte e, de mãos dadas com a filosofia, jogam-se dados da vida singular.

O esvaziamento corpóreo acontece por composições de textos e imagens tensionadas pelo vazio que, por entre silêncios e texturas, apostam nas fendas que se abrem por entre imagens-palavras, esvaziando-as.

Segundas intenções: buscar a virtualidade em uma relação de contato/contágio com sentidos de vida singular, educação e arte. Mexer com a vida *micr(ó)-bio*, que depende de contato, vida viral que se movimenta em fluxos, *vida-virtua*, duração, *multiplicidades de multiplicidades*. Pensar a experiência da de-subjetivação, da *vitalidade inorgânica* como processo que busca produzir modos de existência inéditos. Com Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1997, p.49, vol 01):

Estar atento a tudo ao mesmo tempo: à maneira pela qual uma máquina social ou uma massa organizada tem um inconsciente molecular que não marca unicamente sua tendência à decomposição, mas componentes atuais de seu próprio exercício e de sua própria organização; à maneira pela qual um indivíduo tal ou qual, tomado numa massa, tem ele mesmo um inconsciente de matilha que não se assemelha necessariamente às matilhas da massa da qual ele faz parte; à maneira pela qual um indivíduo ou uma massa vão viver em seu inconsciente as massas e as matilhas de uma outra massa ou de um outro indivíduo. O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser nomeado, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence.



e?

e vida e arte e(m) virtual singularidade

e(n)tre (hi)atos e(m) poemas

e escrita e(m) educação

e palavras e(m) imagens a compor sensações cor, luz, giros e sons,

e vida e arte e imagem e escrita e experimentações a produzir misturas e encontros; e incorpóreas intensidades a se fazer camadas de sentido, dobradas em poemas-cor e em poemas-luz: sensações e pensamentos e composições em intensidades incorpóreas, palavras-cor a se mover, lentamente... e a devir singularidades, energias entre matérias, no entre linguagens e enunciados, interstícios a girar imagens-palavras.

e vida na palavra, inqualificável e inesquecível... Palavras-giro *num inevitável início do começo de novo e de novo e novamente*, com Gertrude Stein. A girar em frases sem interrupções, variadas e ampliadas sem uma lógica aparente, estabelecendo um ritmo de composição sem final. Intensidade-jogo nas repetições e permutações verbais, em cirandas que se dissolvem e pulverizam-se em partículas, granulados pontos que se juntam e (de)compõem(-se).

e palavras-mudas rodam e rolam, se enrolam em silêncios e se abrem em lentíssimos giros. Poemas-cor se pintam em pingos, gotas de sangue, que se esvaem em vermelhos veios. Cor a ver-ter vida. Intensidade sanguínea a escorrer cólera. Pingos vermelhos a pintar a folha-tela e de-formar-se...



Giro acima, giro abaixo, movimento-vida que não para de se transformar...

Vermelho a devir sangue... Vida-morte, giro, dança circular, morte-vida.

Vermelho. Luz.

Negras rendas, brancas nuvens a filtrar luz.

Caminhos - entranhas, percorridas linhas, pasto verde a ver-ter luz.

Bovinos seres, lentidão de ancas.

Ruminantes rabos em roçar de pelos - a estabular fenos.

E a vermelhuzir - feixes focos no fenoso chão. Vermelhidões.



Dos contornos,

= linhas, degraus, graduação de verdes = luminosidades

Platôs = dobras, camadas de cores = relevos

Relevâncias em vermelhidões

Superfícies

Chãos = pele de feno, tapetes impressos, impressões

Rubras paredes = feixes de luz

Portas, janelas = Vãos

Brilhos cilíndricos

metálicos gritos

Brincam plurais e ruidosos pés

e singularidade palavras-luz movimentam-se lentamente por entre luz e visibilidades...



Percorrer espaços em vermelhos passos.

Giro acima, giro abaixo, escadaria escorrendo em torre.

Estridentes sons que se fundem aos degraus de circular escada.

Introduzir-se, entrar e subir e andar

Planos luminosos experimentando dimensões luz - jorros cor texturas.

Escada caracolante a rodopiar poemas.



Movimento-vida que não para de se transformar...

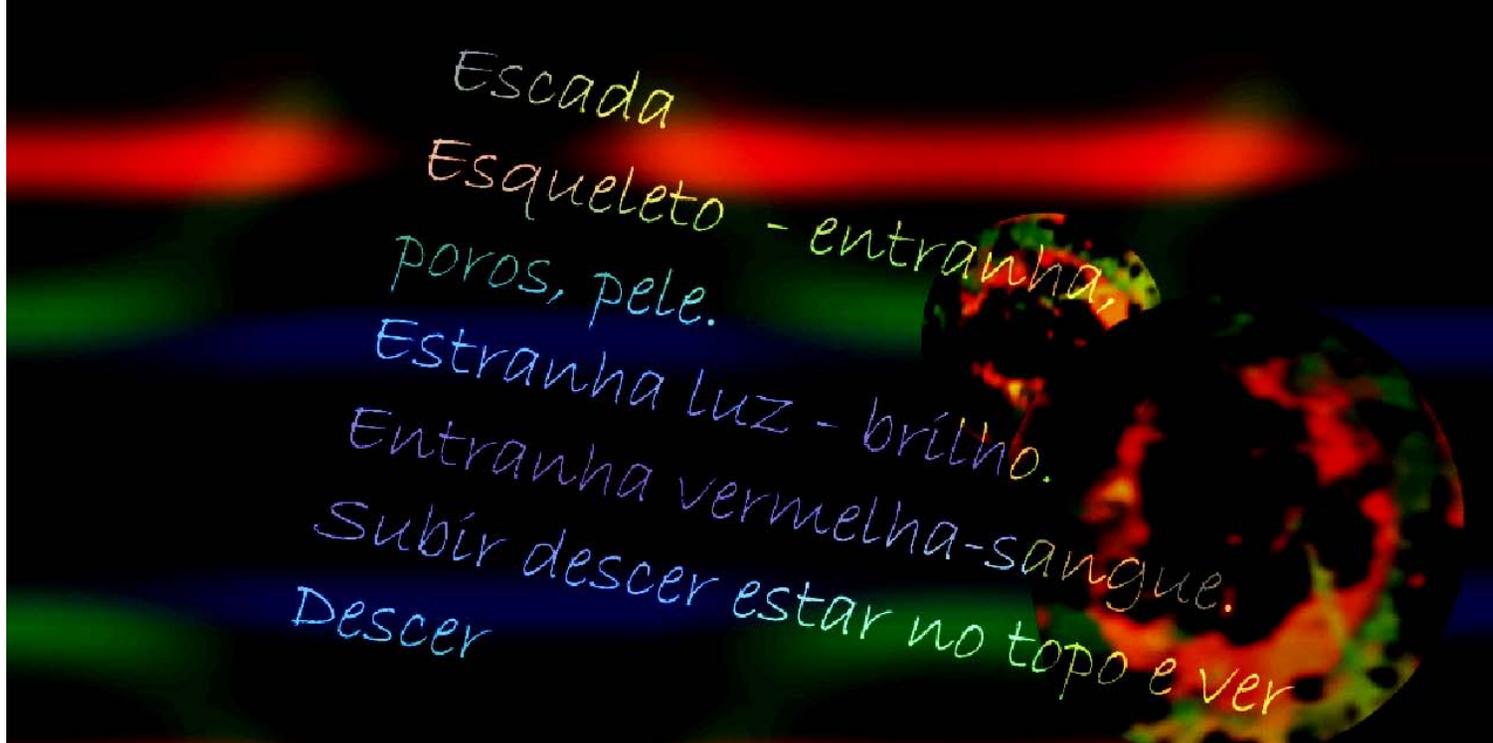
Vermelhos raios-infra projetados em fenos, ambientando estábulo, que devém sangue...

Vida-morte, bicho-gente-planta, vacas postadas, re-po(u)sando em pasto verde, poses que devém gente sob rendada sombra.

Giro, dança circular, olho-câmera que projeta focos, duplica árvores em devires luas... Luz.

Vermelho. Vida-morte.

Plantar em estéril chão estrangeiras árvores e girar retorcidos galhos; rendilhar sombras em paredes nuas, luas-luz a transverberar.



Giros

Dança em silêncio esquelética bailarina

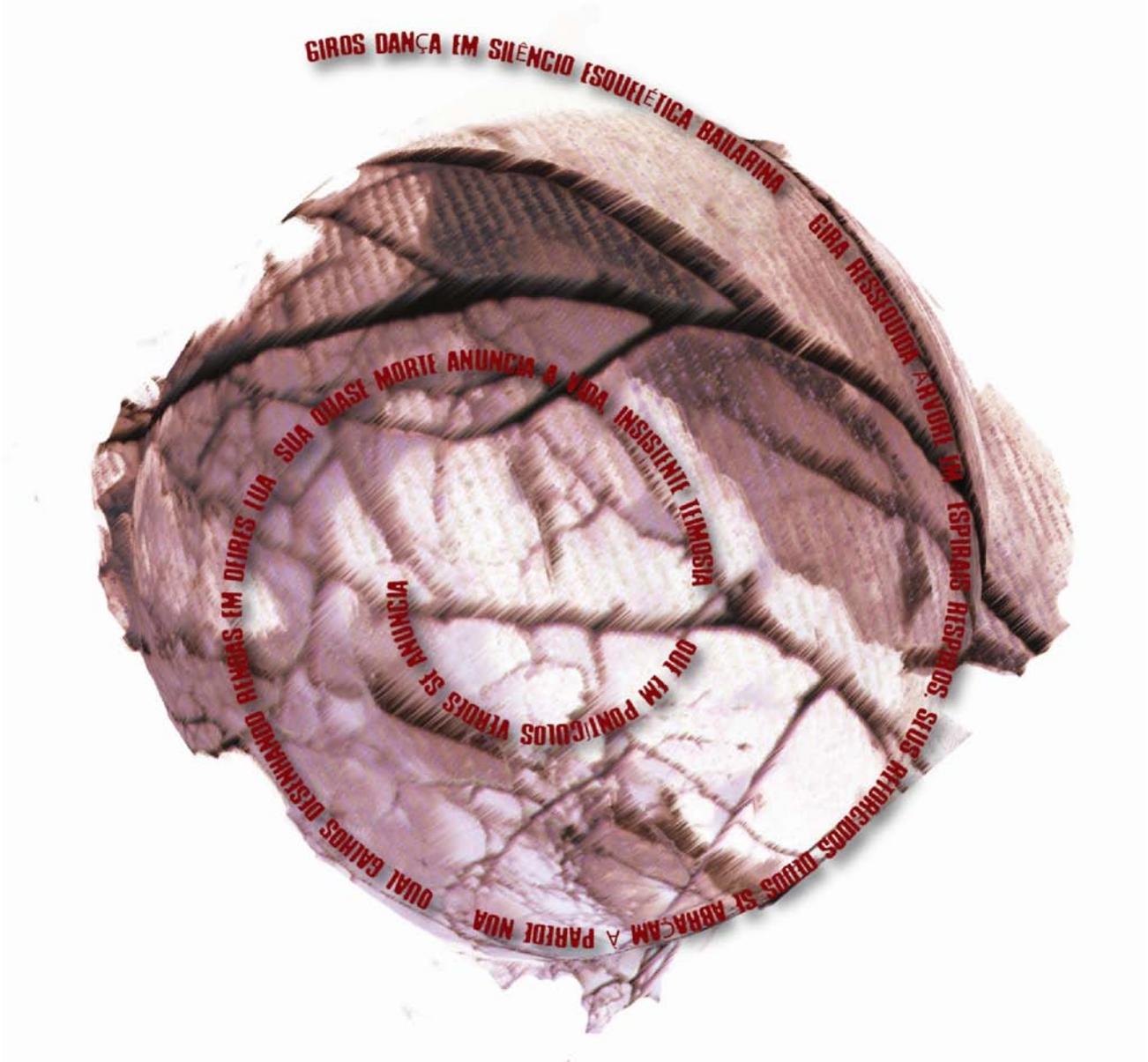
Gira ressequida árvore em espirais respiros

Seus retorcidos dedos se abraçam à parede nua

Qual galhos desenhando rendas em devires lua

Sua quase morte anuncia a vida, insistente teimosia

Que em pontículos verdes se anuncia



Giros a dissolver e pulverizar partículas,
a granular pontos que se juntam e de-compõem-se em biótopos;
imagens=biótopos a se esmigalhar e a girar em poemas:

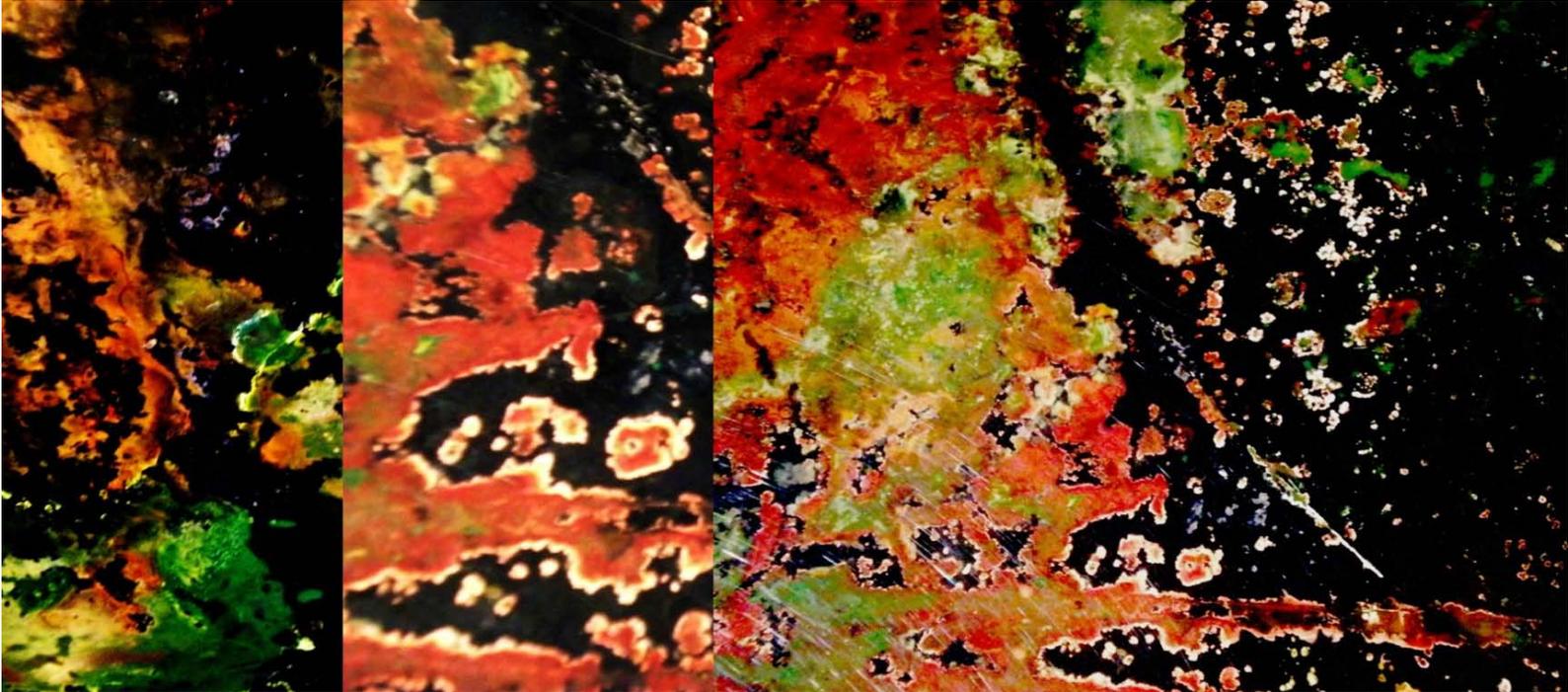




Micróbio
Micro-bio
Micró-bió-topo
Vida -Morte-Luz
Vida-Morte-Cor

Formas
Cores-trans-Figuras-tons
Misturam - Morrem -Excrementam-se
Coloridas Borrás

Jorros Vida



Bió=Topos=bio...
Pretos pontos pintam morte em placas = luz...



**Silenciosa mistura
sombra luz
Risca Clarões**

**arrasta
espalha
tremula
porra**

rasga quadros
jorra brilhos
Catedrais
refletidas
desfocadas
invertidas
embaçadas

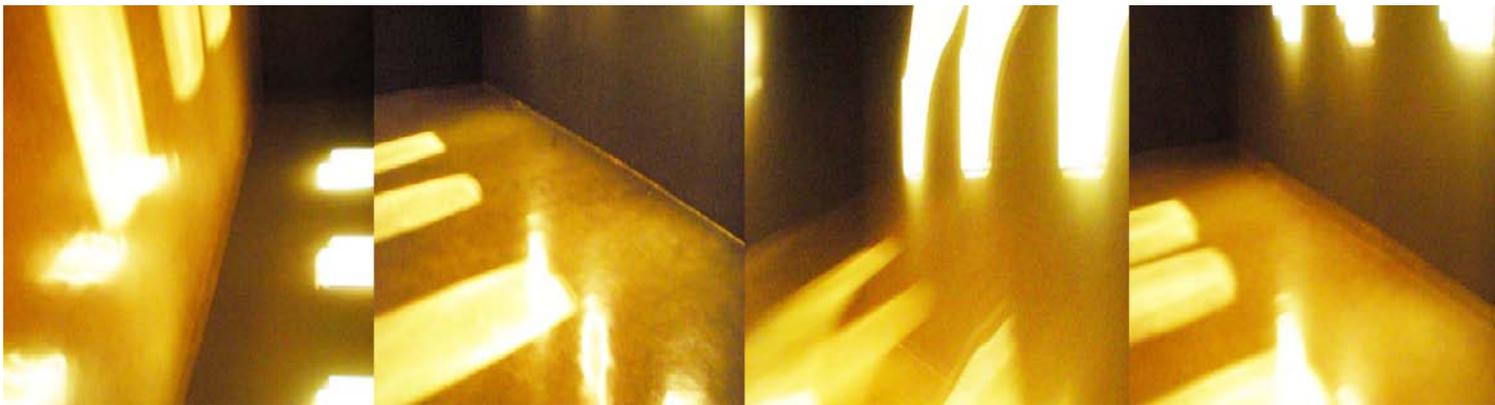
ilusões Iluminadas

a pulsar na voz de Chico, em "Vida",

*... Luz, quero luz Sei que além das cortinas são palcos azuis
E infinitas cortinas com palcos atrás
Arranca, vida Estufa, veia E pulsa, pulsa, pulsa, Pulsa, pulsa mais...*



*e vida estufa, veia e pulsa, pulsa, pulsa, a vida indefinida a se
apresentar em vazios...*

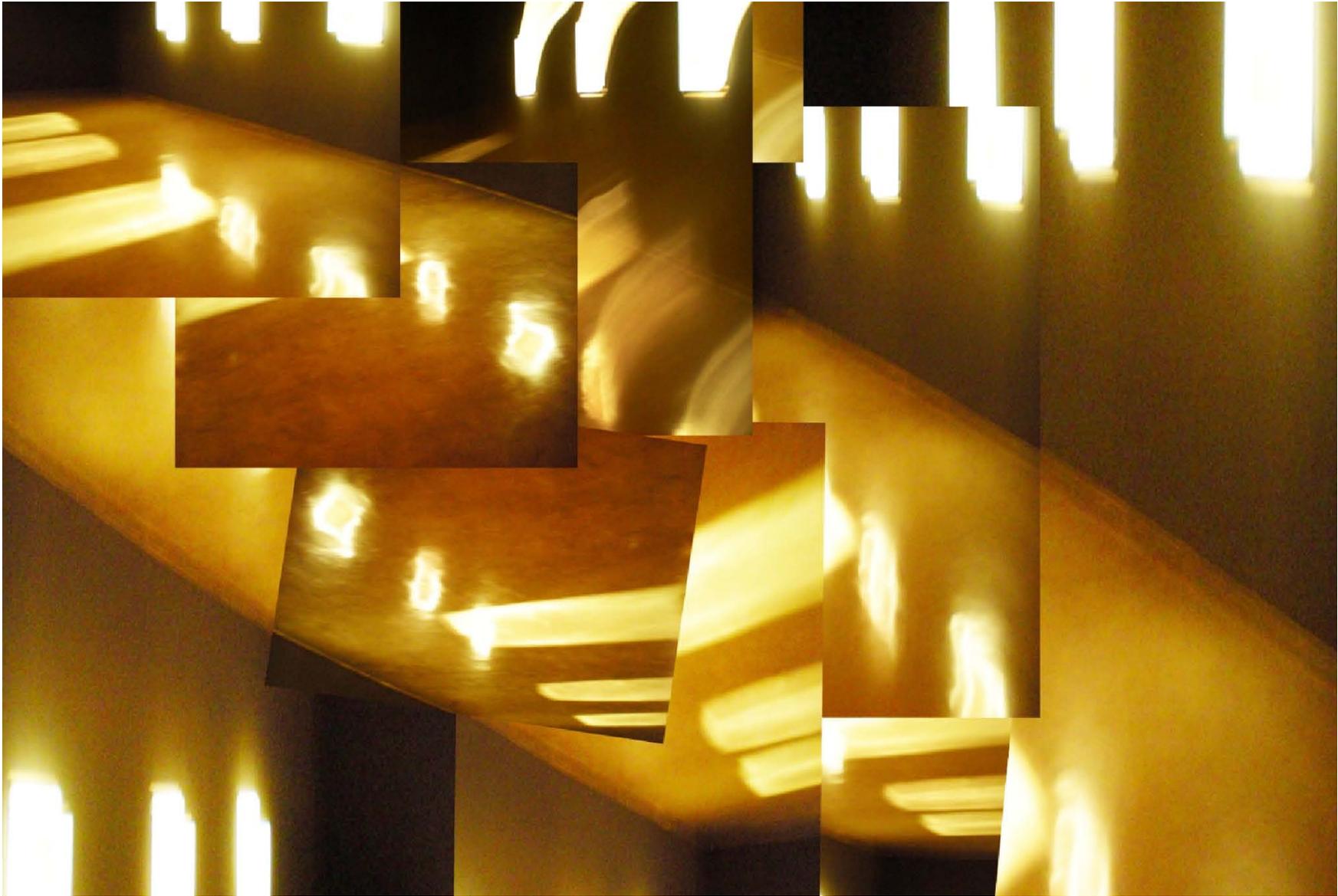


Vaz io

vaza em gestos e grito, sem o som

vaza em rivos e vento, furacão

vaza em giros de cores, sensação



Um silêncio a gritar o som.

Força de furacão rugindo ventos.

Vácuos de som: silêncio. A música no intervalo do silêncio. PLAY. Som do silêncio no PLAY, um John Cage na duração de 4'e 33''. Experiência do silêncio que vaza, es-va-zia, encena o tom. Play, a postos os músicos-orquestra, o maestro-batuta, a platéia-aplausos e play, começa a peça; es-correm, arrastam-se, es-va-em-se lentos segundos, minutando-se em gestos, coreografiassuoressilêncios, corposmudos, sons vazios. e play platéia a ovacionar o vácuo do som, silêncio, a obra. Incorpóreas e mudas notas musicais que rodam e rolam, e se enrolam em silenciosos furacões ferozes, velozes.

Furacões que silenciam e se abrem em lentíssimos giros de mão-olho. Corpo sombra que resiste girando no vazio, no silêncio do PLAY.

Ritmos. Vento. Tempestade. Movimentos rodopiantes, giros que se compõem no olho. Do furacão.

Mão-olho que dança. Corpo que desprega do olho o enxergar e o gestualiza



nas mãos. Mãos que se movem esquadrinhando o espaço, dominando-o, em cego e absoluto domínio, total controle, vazia ocupação.

Ritmos de um corpo em lentos giros à revelia, ocupando margens, nomadizando espaços, sem fixar-se.

Andar e, de repente, dançar. Dançar e retomar o compasso da caminhada; parar, dobrar-se, e pular.

Agarrar-se às paredes, ao teto; esconder-se, retirar-se.

Suportar, no limite do insuportável, o proposital silêncio que se expressa no espaço vazio de palavras, pelo esboço de um sorriso, que rompeu com a comunicabilidade e escolheu resistir, sem reagir a apelos e provocações.

Poemas pintando-se em pingos, gotas de sangue, esvaindo-se em vermelhos veios...

Incorpóreo desmanchar-se, que se pensa como que por um som, e se escolhe esvaziar pelo momento da pausa: ritmos, respiração, fragmento de nada no preenchimento do som. Silêncio, esquecimento do tom, atonal existência.

In-corporar o vazio no espaço-tempo, recolher nas ausências do intervalo, hiatos das vontades de espera no compasso educacional. Em *A comunidade que vem*, Agamben alimenta a ideia de um ser linguístico, ser-dito que é um conjunto e, ao mesmo tempo, uma singularidade, um hiato que só o artigo pode preencher, definido/indefinindo... "num espaço vazio em que sua vida é inqualificável e inesquecível. Esta vida é a vida puramente lingüística. Só a vida na palavra é inqualificável e inesquecível. O ser exemplar é o ser puramente lingüístico" (AGAMBEN, 1993, p.16). Falando com Deleuze (2002, p.14):

Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata.

Entre-tempos, entre-momentos... No compasso educacional, entre tantos pré-enchimentos, cavar a imensidão do vazio no tempo, como provocação, preferindo não, resistindo pela criação no espaço do *entre*... Cavar no entre um espaço-temporalidade do acontecimento, vida indefinida que resiste, desafia e suporta o nada que paralisa e provoca uma educação da criação. e pela criação e(m) escrita se resiste educação. Por entre palavras-imagens, educação, não mais que uma palavra.

Capacidade des-criadora do real na linguagem, pelo fora da linguagem, como que se fizesse resistência pelo pensamento. Resistir pelo fora da palavra educação, provocando seu esvaziamento pelo pensamento, des-criando-a. No

pensamento, abrir brechas para uma educação-invenção, esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontro. Educação e(m) escrita, que se resiste, ex-iste, insiste.

Com Amorim (2008, p.330), no refrão de *Duração*:

currículo≠refrão≠repetição≠imaginação:

Na (des)ilusão da experiência, o vazio. Na (des)igualdade do encanto, as cores. No(des)ânimo da pressa, a velocidade. No (des)caso das singularidades, o corpo. No (des) amor, ex-pressão. No (des)aprender, a decepção. No (des)focar, as linhas. No (des)contar, o esquecimento. Na (des)pedida, o encontro. No (des)equilíbrio, a superfície. No (des)aparecimento, as diferenças. No (des)entendimento, a sensação. No (des)prender, o organismo. Na (des)pretensão, o pensamento.

Com Deleuze(1992), em *Conversações*: "A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha" (p. 215).

e pela criação se resiste educação.

Criação de pensamento acontecendo nos/pelos rasgos dos planos recortados no caos. Nos/pelos virtuais furos da filosofia, da ciência e da arte, atualizam-se pensares educação. Na intersecção destes três planos, entrelaçar possibilidades de efetuação. Em composição com os planos que criam conceitos, functivos, afectos e perceptos, efetuar educação como plano de pensamento, criação. Criar nestas misturas de planos um encontro entre vida, arte e educação, e dele extrair forças de resistência, do entre arte/vida/educação.

Encontros arte-vida pensados como pulsos, como aquilo que se espalha, bifurca. A obra da bioarte - criada por Eduardo Kac - e cenas do filme *A Casa Vazia*, e o conto do Calvino, e os poemas, e imagens da instalação *1000 Plateaux* trazem outras possibilidades de pensar a resistência enquanto

manifestação social para escapar ao controle, provocando encontros de vidas singulares na contemporaneidade?

Se pela criação se resiste educação, querem as primeiras intenções encontrar aspectos nestas experimentações imagéticas em que pulse a virtualidade, entendida como potencial de criação do novo - posto que Vida seja criação, totalidade virtual, vitalidade inorgânica:

[...] atividade criadora anônima da matéria que, a um dado momento de sua evolução, faz-se organização: essa segunda via desemboca na concepção de uma vitalidade fundamentalmente inorgânica. [...] todo processo deriva da vida não-orgânica na medida em que não reconduz a uma forma constituída, mas dela escapa, e só esboça uma nova para já escapulir para outra parte, para outros esboços: o que aqui é chamado "vida" não depende da natureza dos elementos (formação material, psíquica, artística etc.), mas da relação de desterritorialização mútua que os arrasta para limiares inéditos (a organização, por exemplo, é um limiar transposto pela matéria). (ZOURABICHVILI, 2004, p.62)

Um Corpo sem Órgãos, virtual e inorgânica dimensão de vida, a pulsar nas intensidades incorpóreas resultantes do apagamento da corporeidade, nas obras que fazem composição com esta tese; pelas intensidades dor, luz, cor, movimento, se deixar arrastar pelas sensações a limiares inéditos e provocar outras conexões com o plano educação.



Bibliografia

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. e...E. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Julio; SANTOS, LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (Org). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de Historia, Escola, Família e Comunidade*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v.1. p. 114-31.

_____. *Duração: currículo≠refração≠repetição≠imaginação*. Educação Temática Digital (ETD), v.9, n.esp., out. 2008, p.324-331.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4, coleção TRANS. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 1ª Edição. São Paulo: Ed 34, 1997.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

As imagens que compõem este giro foram montadas e manipuladas digitalmente por Bia Porto em julho/2010, a partir de fotografias da Instalação "1000 Plateaux" de Claude Lévêque, (2005); de cenas do filme "Casa Vazia", de Kim Ki Duk, (2004) e dos Biótopos da série *Specimen of Secrecy about Marvelous Discoveries*, (2004/2006) do artista Eduardo Kac, na Exposição: "lagoglifos, biotopos e obras transgênicas", Espaço Oi, Rio de Janeiro, março de 2010.



no início era:

o caos?

o verbo?

o ser?

o tempo?

o nada?

...

No nada...

Nonada:

Nada

Na

Da

Ada

Anda

Dana

Ana...

Dana(da)

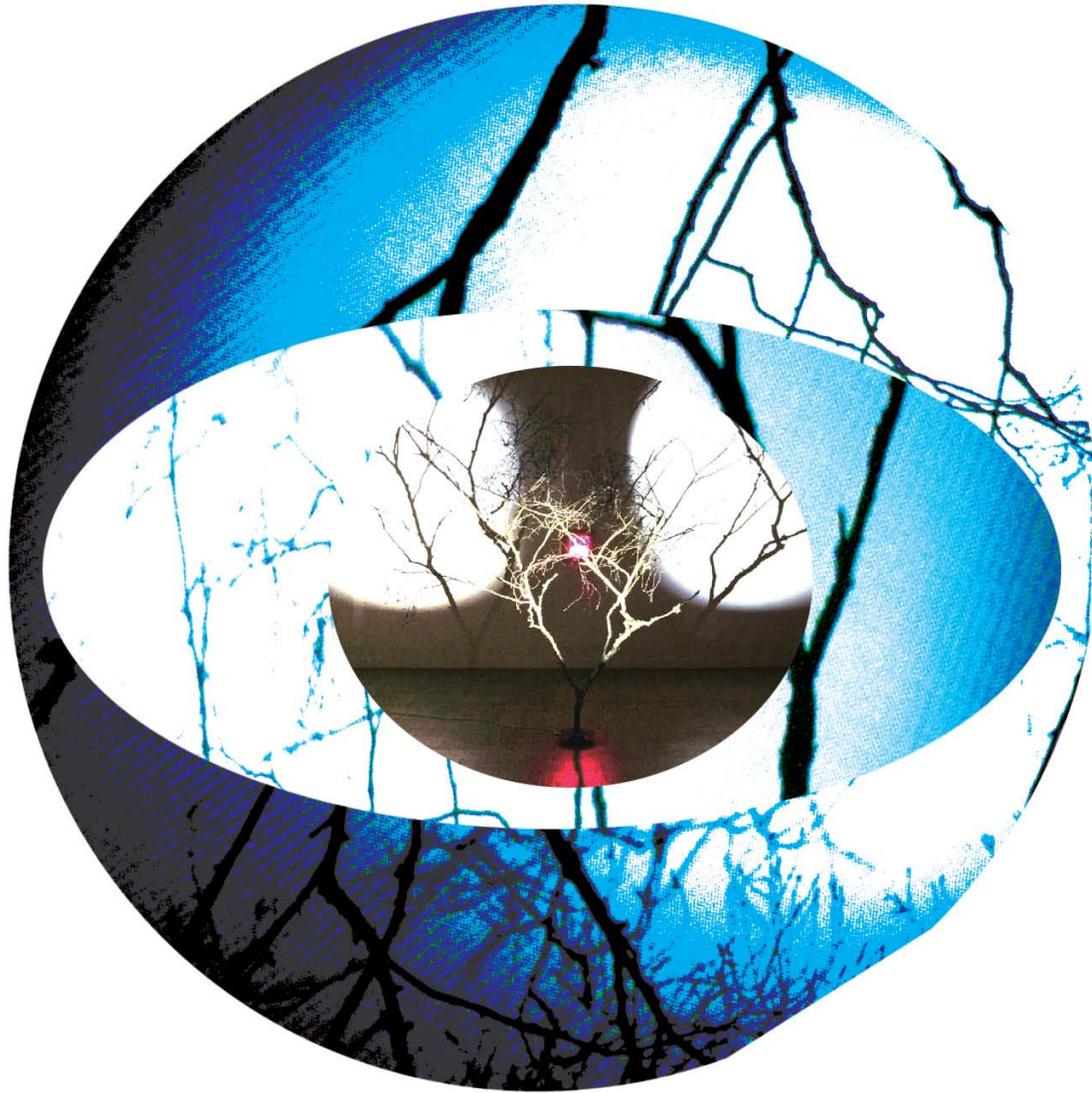
Aaaaaa...

No início, nem caos nem verbo nem ser nem tempo nem nada que se deixe aprisionar em pensamentos ontológicos.

Entre momentos, entre-ventos, entre-vidas, entretempos: há que se pensar a singularidade da vida em linhas, fios de palavras ao vento, que talvez se entrecruzem e se transpassem e se pendurem na busca por possibilidades de conexões para pensar uma vida singular.

Vida, Tempo, Virtua...

Duração intensa e intensiva. Tempo aiônico, da eternidade do instante, presente absoluto que infinitiva o verbo.



Uma vida não contém mais que virtuais.

Gilles Deleuze

Na intenção de pensar *uma* vida, movimentando este conceito na discussão entre vida, singularidades e virtualidades; na possibilidade de de-substancializar o sujeito *cogito*, essencial e consciente; o desejo de conversar por imagens, partindo de narrativas que desafiem a um exercício sensório, que convidem a escapar de fixas representações e dos exercícios de reconhecimento, escolho fragmentos estéticos que provoquem sensações: afectos e perceptos enquanto possibilidades de criação.

Tempo: instante
num instante,
o todo do tempo.

Espaço: virtual,
lugar de devir.

Pensamento: afecção,
acontecimental.
Vida: criação.

A partir de conexões que Deleuze & Guatarri fazem com a ideia de virtualização, do virtual como condição de possibilidade do acontecimento, como trajeto, movimento, transformação, André Parente (1999) conceberá o virtual como "uma função da imaginação criadora, fruto de agenciamentos entre a arte e a tecnologia e a ciência, e capaz de criar novas condições de modelização do sujeito e do mundo" (p.16).

No texto *O atual e o Virtual*, Deleuze (1996) afirma que "a atualização do virtual é a singularidade". Desejo buscar a virtualidade numa relação de contato/contágio com sentidos de vida singular, educação e arte. Mexer com a vida *micr(ó)-bio*, que depende de contato, vida viral que se movimenta em fluxos, *vida-virtua*, duração, *multiplicidades de multiplicidades*. Pensar a *vitalidade inorgânica* como processo que busca produzir modos de existência inéditos. Com Claude Lèvéque na instalação 1000 Plateaux (2006) e com a ideia do virtual em sua *função da imaginação criadora* em Parente, recolho intensidades, pensamentos-sensações, que pulsam na *condição de possibilidade do acontecimento...* Acontecimento vida-morte em giros.

Temporalidade do acontecimento, nas vozes dos animais de Zaratustra:

Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce; eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constroi-se a mesma casa do ser. Tudo separa-se, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em torno de todo o 'aqui', rola a bola 'acolá'. O meio está em toda a parte. Curvo é o caminho da eternidade (NIETZSCHE, 2000, p. 259-60).

Condição de possibilidade do acontecimento, mundos possíveis na supressão cronológica do tempo, vir-a-ser que não se efetua e que se torna possibilidade, virtualidades. A vida acontecimental rodando em giros e deslocando o centro da roda, meio que está em toda a parte, em curvos e eternos traçados.

A cada pensamento que surge, recorta-se um plano que multiplica possibilidades para enfrentar o caos. Planos-territórios do caos se desenham em diferentes constituições e profundidades, lugares do livre pensar, que traçam linhas de referência, de composição e de imanência. Dizendo com Santos (2009): "(...) enquanto todos os esforços do pensamento científico tentam parar o movimento caótico, o pensamento artístico desenha linhas que movimentam singularidades, linhas de força; e o pensamento filosófico lida com a infinitude caótica ao criar conceitos".

(Des)considerar a centralidade no organismo e problematizar a dimensão virtual de um corpo, que se deixa percorrer por fluxos de intensidades. Tomar o corpo (des)organizado, inorgânico, que escapa.

Pensar manifestações incorpóreas em um corpo que se faz atravessar por singularidades.

Partir da ideia de um corpo afetado, atravessado por fluxos desejantes, dobrado em si mesmo, singular, que se inscreve numa tentativa de combater o conjunto dos estratos que o paralisa: o organismo, a significância e a subjetivação. Pelas páginas de um conto de Ítalo Calvino, trabalhar a potência de imagens-palavras e provocar conexões, entreatos filosóficos com os conceitos de criação e resistência. Buscar um estado de conversa com a arte - pela literatura - e com a filosofia da diferença, por escritos de Deleuze e de alguns de seus leitores.

Mais que um automobilista vivendo aventuras - o que poderia resultar numa narrativa linear e previsível -, em *Aventuras de um automobilista* Calvino (2002, p.139-46) cria como quem traça diagramas: ao escrever, presenteia o leitor com um texto que se desenha em imagens-pensamento. Com a exatidão de traços a régua, desenha linhas que transportam ao mesmo tempo um corpo que viaja, uma estrada em que acontece a viagem e pensamentos que se fazem povoar nos sentimentos viajantes. O entrelaçamento destes planos criará cruzamentos e movimentará a transformação. A *persona(em)viagem* se produzirá em intensidades (in)corpóreas num devir-corpo que se desloca, num devir-carro que se estrada, e em pensamentos que se enciúmam em devires, o amor acontecendo em pura e absoluta sensação.

Calvino escritor-deseenhista-matemático enuncia no início do conto que um corpo se movimenta por uma estrada ao anoitecer; o motorista X se desloca de A em direção a B ao encontro de Y, na tentativa de evitar que esta se encontre com Z. Plano cartesiano comendo-se em abscissas, ordenadas, vetores, abrindo possibilidades de criar uma imagem-gráfico, que desenha pontos nos quadrantes e coloca eixos em movimento. Mas fissuras se abrem nesta precisão geométrica e pensamentos-força movimentam-se por entre linhas, luzes, pontos em três direções perpendiculares: horizontal, vertical, longitudinal, X, Y e Z. Estilhaça-se o relato de uma triangulação amorosa no percurso andarilho dos pensamentos de um corpo afetado, desejanste, dobrado em si mesmo, singular.

Entre as duas dobras, há a entredobra, a dobradura dos dois andares, a zona de inseparabilidade que faz dobradiça, costura.

Gilles Deleuze

Deleuze, leitor de Leibniz, nos apresenta o mundo dobrado em duas metades, como que habitando simultaneamente dois andares de uma mesma casa que o expressam. Habitação no exemplo barroco, que se faz desenhar no alto por estruturas verticais - o sensível, em-si - e, embaixo, por relações horizontais - o inteligível, para-nós, instaurando um movimento de dupla pertença. Entre os dois andares - como que numa espessura ou tecido -, situa-se uma zona original, em que o alto dobra-se sobre o baixo, sem que se possa saber onde acaba o sensível e onde começa o inteligível.

Nesta zona original, todo corpo adquire a individualidade do possessivo, uma vez que ele pertence a uma alma privada, e as almas acedem a um estatuto público, isto é, são tomadas em multidão ou em amontoado, uma vez que elas pertencem a um corpo coletivo. Realiza-se no corpo o que é atualmente percebido na alma. O acontecimento se dá segundo um regime de leis que corresponde à natureza das almas ou à determinação dos corpos.

O mundo está dobrado duas vezes nas mônadas ou almas que o atualizam: pura elevação espiritual, sem gravidade, curva de inflexão infinita; e redobrado na matéria, nos corpos que o realizam e que têm gravidade física, de massa.

Mônadas ou almas são formas verdadeiras: "cada uma por sua conta inclui o mundo inteiro. [...] Essas formas verdadeiras dizem-se não apenas de organismos vivos, mas de partículas físico-químicas, molécula, átomo, fóton, toda vez que há seres individuais assinaláveis que não se contentam em funcionar, mas não param de 'se formar'. São singularidades de expressão, forças primitivas, unidades primárias essencialmente individuais e ativas, que atualizam um virtual ou potencial, e que concordam umas com as outras sem se determinarem de próximo em próximo" (DELEUZE, 2000, p. 172). Interioridades absolutas, não são nem objeto nem sujeito, singularidades em totais devires, associadas a multiplicidades.

Corpos são singularidades de extremo, figuras que têm funções e funcionamentos, simples fenômenos; são *Comuns* que se movimentam e que se afetam uns-aos-outros, coletivos que compõem o universo material.

O mundo se estabelece num duplo processo, que comporta a virtualidade e a possibilidade: ao mesmo tempo em que se atualiza nas mônadas ou almas, se realiza nas matérias ou nos corpos. Mas, dirá Deleuze, enquanto as redobras da matéria escondem algo da superfície relativa que afetam, as dobras da forma revelam a si mesmas o detalhe de uma superfície absoluta, co-presente a todas as suas afecções. "É em relação ao mundo que se pode dizer que o universo material é expressivo tanto quanto as almas: estas expressam atualizando, o outro expressa realizando" (DELEUZE, 2000, p.177). Território do acontecimento, preexistência ideal do mundo, dobra sinuosa em ziguezague que se traça por entre os pares virtual-atual e possível-real:

É o expressável de todas as expressões, o realizável de todas as realizações, Eventum Tantum ao qual tentam igualar-se alma e corpo, mas que não para de sobrevir nem deixa de nos esperar: virtualidade e possibilidade puras, o mundo à maneira de um incorpóreo estóico, o puro predicado (...) pura "reserva" dos acontecimentos que se atualizam em cada eu e se realizam nas coisas uma a uma. (DELEUZE, 2000, p.176)

Em Leibniz, a multidão da singularidade se expressa no corpo individualizado, posto que pertença a uma alma privada; e na alma que se torna pública, quando pertence a um corpo coletivo, tomada em multidão ou amontoado. Os corpos orgânicos e inorgânicos expressam três tipos de mônadas: as iluminantes, as iluminadas e as pisca-piscantes. Nos corpos orgânicos as mônadas racionais ou dominantes possuem unidades de mudança interna, atuam como potências em ato: são iluminantes. As mônadas animais ou dominadas, unidades de geração e corrupção orgânicas, atuam como disposições, hábitos: são iluminadas. Nos corpos inorgânicos as mônadas degeneradas possuem unidades de movimento exterior, atuam por ligações mecânicas, são tendências, atuam por pulsos nos instantes: são pisca-piscantes. Seriam as mônadas degeneradas, pisca-piscantes, as que se movimentam no espaço do instante, uma possibilidade de expressão para a singularidade?

Um mundo.

Dois andares para filosofar: Leibniz em barroca provocação, con-fundindo dois metafísicos mundos: o inteligível e o sensível habitam a mesma casa no barroco mundo... Desdobram-se em pregas da matéria - potência que não para de redobrar-se, e em dobras na alma.

Dobradura-Mundo em curvaS... Dobradura-Mundo embrulhando coisas colocadas dentro... Envolvendo. Curvas que flexionam, inflexões que incluem, envolvem, implicam.

Dobras ao infinito, comunicando os dois andares por inflexão: curvatura variável, elasticidade, deslocamentos... Universo afetado por uma curvatura, em barroca perspectiva, flexionando os pontos de vista: condições de manifestação da verdade, a partir dos quais o caos se organiza, onde o segredo é revelado... Instância de passagens da forma por metamorfose ou por anamorfose... Potência de ordenar e seriar uma multiplicidade de formas, abrindo-se sobre uma série infinita, constituída por estados do mundo... O ponto de vista é a modalidade do sujeito, seu modo inseparável.

Ponto de vista sobre a série infinita, constituída pelos estados de mundo. "No primeiro andar, acima da matéria, são desenhados como pequenos andares diferentes: se estou no ponto de vista, fico em uma escala de percepção; é o mundo do percepto" (DELEUZE, 2006, p.149). O ponto de vista sobre a série infinita de estados do mundo é uma manifestação do visível, é o percepto. Mas o mundo, a série infinita do mundo, está envolvido no sujeito.

O que está envolvido no sujeito é o predicado, ou atributo. A partir de certo ponto de vista vejo o mundo, mas o leio em mim. A alma (ou sujeito) lê em si mesma. A alma lê seus próprios predicados ao mesmo tempo em que, sob o ponto de vista em que está, vê os estados de mundo. No nível do envolvimento sujeito-predicado, estamos no conceito, concebendo o conceito como um indivíduo. Por que o sujeito é individual? Porque é um conceito, uma noção. Em Leibniz, se trata sempre da noção de sujeito. O conceito vai para o indivíduo; o indivíduo é o conceito, é a noção. Sujeito é aquilo que está indicado por um nome próprio. Ver e ler, percepto e concepto.

Se em Foucault a subjetivação se faz por dobras, que expressam o *ser-em-si* unindo os pares vida-morte, memória-esquecimento, temporalmente, por coextensividade, em Leibniz, as dobras ao infinito se comunicam por inflexão.

O sujeito, ou alma, torna-se dobradura que só existe em seu envelope... Envelope-sujeito.

Vivemos envoltos em conchas, sem portas nem janelas, habitantes de casas barrocas em que acontecem múltiplas possibilidades, tanto de desenvolvimento, quanto de destruição. Vivemos dobrados infinitamente, em um universo leibniziano, porque sempre a "dobrar, desdobrar, replicar" (DELEUZE, 1989, p. 177).

Linhas

Aventuras de um automobilista nos convida a percorrer linhas que se desenham por vias, que deslocam *uma persona(em via)gem...* Ao seguir por estas linhas, consideremos vias enquanto lugares de passagem, que potencializam a transitoriedade pela velocidade, pela rapidez com que se atravessa de um ponto a outro. De A para B, de B até A...

Uma personagem viajante... (in)definida pelo artigo, que a singulariza. Uma *persona* em via, em trânsito, sem lugar fixo, no (des)território. Considerar uma personagem por onde circularem intensidades. Personagem devirá sensações, posto que não seja ser que sente, nem símbolo de figura humana ou objeto. É singularidade, uma linha de devir, que se sustenta em um plano. Falando com Santos (2009): "O único tipo de linha que pode devir é a linha de fuga, que permite escapar de uma forma fechada de subjetividade, e da sua atualização em algum tipo de objeto representativo".

Personagem atravessando linhas, linhas-ponte chamadas devir... Linhas que movimentam singularidades. Atravessando-as várias vezes, de múltiplas maneiras, em ritmos infinitos... Pelas sensações, "... tenho a impressão de

haver perdido o sentido do espaço e do tempo" (CALVINO, 2002, p. 140). Tempo e espaço se tornam estendidos no trajeto, alongando distâncias que se enfatizam nos contornos da noite, alterando os desenhos destas linhas, que se fazem atravessar por pensamentos viajantes: E se?

Ela...

Ele...

Eu...

Circuito de ideias que se esbarram e provocam cruzamentos; por um instante, parecem trazer respostas e, no momento seguinte, produzem (des)encontros... Pensamentos desenhando linhas que movimentam singularidades, linhas de força.

Deslocamento de corpos. (Des)confiança. Provocantes pensares (des)encontrando corpos. Separação. Mudança de direção, retorno impedindo a chegada. Impossibilidade de (con)tato entre corpos, o que provocaria tácteis reconciliações. Nunca encontrar. Viagem que se desmancha em destinos, que se desenha no "nunca" onde antes era o "feliz para sempre". Resistência na passividade ativa... Nunca chegar.

Luzes

Velocidade se faz ultrapassagens e provoca sensações luminosas, numa composição de (in) corpóreos... Deslocamento que gera intensidades. Intensidades que passam e fazem com que não haja mais nem eu nem o outro, "em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas" (DELEUZE & GUATTARI,

1996, p.16). *Eu é outro* roubado de Rimbaud para pensar eu e você em outro(s), intensivas intensidades virando luz, transverberando...

Singularidades cones de luz e caixas de sombra, criando estados de corpos sem órgãos, que se deixam atravessar por dois olhos amarelos atrás, duas luzes vermelhas à frente. Singularidades cones de luz e caixas de sombra se juntam a um turbilhão de gotas da chuva que se dissolvem em borrões vermelhos e amarelos. Corpos amantes que se tornam mensageiros de si mesmos, na passagem... Passageiras palavras que se transformam em feixe de raios luminosos em movimento... Intensidades incorpóreas, sensações em devir.

Pontos

Deleuze cria o conceito de corpo sem órgãos (CsO) roubando a expressão de Artaud e o desenhando em práticas que se criam para combater o conjunto dos estratos que nos paralisa: o organismo, a significância e a subjetivação. CsO definido enquanto componente de passagem, pedaço de imanência. "Um platô é um pedaço de imanência. Cada CsO é feito de platôs. Cada CsO é ele mesmo um platô, que se comunica com os outros platôs sobre o plano de consistência. É um componente de passagem" (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 18-9).

Se CsO é "conexão de desejos, junção de fluxos, continuum de intensidades, experimentação" (DELEUZE, 1996, p. 22.), o amor no conto de Calvino empresta-se à constituição de um CsO como que num exercício de (des)personalização, em que os corpos se tornam (in)corpóreos e podem:

(...) correr para a frente e para trás ao longo destas linhas brancas, sem lugares de partida ou de chegada que façam pairar aglomerados de sensações e significados por sobre a univocidade de nossa corrida, libertos

finalmente da espessura estorvadora de nossas pessoas e vozes e estados de espírito, reduzidos a sinais luminosos, único modo de ser apropriado a quem quer se identificar ao que está dizendo sem o zumbido deformante que ossa presença ou a alheia transmite ao que dizemos. (CALVINO, 2002, p.146)

Com os escritos de Calvino, perguntar com Deleuze:

O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser nomeado, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence. (DELEUZE, 1997, p.47-8)

Se o devir concebe o antes e o depois juntos, este corpo devém amante ao se apagar para aparecer, transforma-se em imagem que espelha o amor.

Se subjetivação é a percepção de si, em afecção, em pulsão, em ação... E se:

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. (...) Em resumo, criar e inventar, eis o que faz o sujeito como sujeito (DELEUZE, 2001, p. 76).

E se artista é quem cria verdades que não são conseguidas, encontradas ou reproduzidas, mas sim criadas e críveis... Se a arte é a mais completa

expressão do poder do falso... Assumir a potência do falso. Comportar-se como o homem da verdade, filósofo; como o homem da vingança, guerreiro; como o homem da arte, falsário... Filosofar, guerrear, artistar; falsificar-se: fazer-se surgir no silêncio e no vazio. "Com o vazio, abre-se a virtualidade, imagem criadora, com seu "duplo status: intra-objetal e intra-imagem. A diferença é, pois, diferenciação criadora, irreduzível à longa história de erros, aquela dos ícones e das representações" (BUCI-GLUCKSMANN, 2007. p. 83).

Se o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição ata os corpos pelas pontas do significante e do significado, transforma-os em intérpretes e interpretados - para que não se tornem desviantes -, operar por experimentação, combatendo a interpretação.

Se o sujeito se fixa no organismo, que rebate um sujeito de enunciação sobre um sujeito de enunciado - evitando que surja um sujeito vagabundo -, tomar o nomadismo como movimento de de-subjetivação. Aceitar a provocação deleuzeana para combater trocando o martelo por uma lima muito fina... Limar, desarticulando, experimentando, nomadizando...

Buscando um estado de conversa com a arte - pela literatura - e com a filosofia da diferença, por escritos de Deleuze e de alguns de seus leitores. Roubando das páginas do conto de Calvino imagens-palavras e provocando conexões, entreatos filosóficos com os conceitos de criação e resistência.

Deleuze problematiza um pensamento que resiste na/pela criação. A capacidade criativa manifesta-se em ação política quando nos convida a pensá-la enquanto força de um corpo que resiste à submissão, *contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos*. Resistência que se faz na/pela força de criar algo novo, que se instala nas singularidades do acontecimento como num devir. Revolucionário devir que

resiste em obras de arte, em movimentos artísticos que operam em linhas de fuga, como máquinas de guerra. Linhas de fuga criando impropriedades na *singularidade sem identidade*, na busca por uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, por-vir,

Porque se os homens, em vez de procurarem ainda uma identidade própria na forma agora imprópria e insensata da individualidade, conseguissem aderir a esta impropriedade como tal e fazer do seu ser-assim não uma identidade e uma propriedade individual mas uma singularidade sem identidade, uma singularidade comum e absolutamente exposta, se os homens pudessem não ser-assim, não terem esta ou aquela identidade biográfica particular, mas serem apenas o assim, a sua exterioridade singular e o seu rosto, então a humanidade ascenderia pela primeira vez a uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, a uma comunicação que não conheceria já o incomunicável. (AGAMBEN, 1993, p. 52)

Estar *assim* e conceber a arte como aquilo que resiste e a resistência com/na/pela criação, e problematizar em Deleuze dobrado em Espinosa:

Podem um corpo resistir?

Agamben pergunta:

Mas o que significa resistir? É antes de tudo ter a força de des-criar o que existe, des-criar o real, ser mais forte do que o fato que aí está. Todo ato de criação é também um ato de pensamento, e um ato de pensamento é um ato criativo, pois o pensamento se define antes de tudo por sua capacidade de des-criar o real (AGAMBEN, 1998, p.73).

Poderá des-criar o real um corpo que se deixa percorrer por fluxos de intensidades?

Calar

Desaparecer

Persistir no silêncio.

Que forças criativas se apresentam e gestam novas sensibilidades na *persona(em via)gem*?

No conto de Calvino, singularidades, linhas, luzes e pontos des-criam o real e um corpo resiste, escapa ao controle, ao inventar o entrelaçamento que faz brilhar um clarão de luz nas palavras e faz ouvir um grito nas coisas visíveis. Um corpo movimenta-se pelas singularidades que habitam a linha do próprio fora e que borbulham na fissura, no finito-ilimitado. Pensamentos silenciosos, espaços mudos desenham pausas, provocam vacúolos desviantes, resistem à comunicação. Interrompendo-a. "É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle" (DELEUZE, 2006, p. 217).

Experimentar outras vidas, sair de si e habitar espaços suspensos pela ausência. Viver no espaço aberto, desocupado, do outro.

Singularidades potencializam uma vida não-orgânica, *aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música. Linha de vida,*

... que não se mede mais por relações de forças e que transporta o homem para além do terror. Pois, no local da fissura, a linha forma uma fivela, "centro do ciclone, lá onde é possível viver, ou, mesmo, onde está, por excelência, a Vida". Aqui, é tornar-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, nessa zona de subjetivação (DELEUZE, 1988, p. 130).

Persona(em via)gem torna-se *senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades*, liberta-se do transcendente aprisionamento do ser. Torna-se singularidade incorpórea e se assume sujeito e objeto de si, devém caçador e presa de si, exercita a liberdade estética do existir. Resiste em devir sensações, escapa ao controle na criação de linhas, pontos, luzes.

Corpos mudos.

*Desafio, afronta às vozes que afirmam
e às palavras que concluem.*

Resistência.

Sabedoria de gestos, corpos que dizem pelos poros.

*Superação, quebra de limites,
que coloca em dúvida
o possível.*

Impor a ausência, invisível presença.

*À revelia,
ocupando margens,
nomadizando espaços,
sem fixar-se.*

Esconder-se, retirar-se.



No vazio das palavras não ditas, no silêncio/ausência de um corpo em composição de simuladas cenas, em potência do vir-a-ser, o sujeito-corpo se retira e deste apagamento resulta uma força, devém um CsO, "uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio" que tem afectos e experimenta movimentos, velocidades (Mil Platôs, v. 3, p. 26). Construir invisibilidades... Hiatar, des-confiar do orgânico e apostar na força de vida inorgânica por cenas recolhidas do filme *A Casa Vazia*.

Estar sobre um Corpo sem Órgãos, possibilidade de estar no limite pela intensidade dor, sem atribuir a ela interpretações, vivê-la como experimentação. Sair do aprisionamento analítico que define o masoquista e potencializar na dor a alegria da superação e nos gestos a precisão dos movimentos; ampliar forças, transpor limites físicos ao submeter o corpo, apanhando, jejuando, treinando. Dominar-se e dominar, no outro, o medo; ironizar o uso abusivo do poder, resistindo pelo silêncio; resistir e esconder-se, surgir no espaço não visível, ocupar o espaço de 180 graus que o olho humano não alcança; olhar-se circunferencialmente, girar, conhecendo-se; cuidar de si, resistir. Ensaiar ícaras asas e dançar voadores passos. Criar zonas de intensidade em uma mão-que-vê, em um olho-que-toca, função háptica de um anorgânico corpo.



Lentidão de gestos que se traçam em um tempo outro, que captam das ações cotidianas um ritmo desacelerado: o do tempo vivido que envolve e daquele que devolve, pela narrativa, os jeitos de passar no tempo. Tempo que vai se impregnando, como que se película fosse. Por quase quarenta segundos de filme, as toscas paredes brancas de uma cela refletem a luz que recebem de fora que é absorvida por um corpo que gira, que desloca mãos e pés e dorso e paredes e chão em circulares movimentos. A lentidão dos gestos mistura-se à ausência de sons e dele parece advir.

A luz se derrama e se alia às paredes brancas e ao silêncio, estira o tempo da cena, cria uma espessura e desenha sombreados contornos no/do dançarino corpo. Intensidades incorpóreas a criar sensações.

Acompanho o movimento de resistência da personagem, busco por relações entre o apagamento da corporeidade apreendendo na sua fuga, escape, o esvaziamento do controle. Que resiste e controla.

Procedimentos contidos e situações inusitadas revelam a força que pulsa na dor, no silêncio e nos gestos de amor extremo.

No terceiro tempo do filme, vê-se um corpo que se molda pela vontade maior de presença-ausência, que se move no passo-dança de um desafiante balé. Um homem jovem, de torso nu, guerreiro abatido ao chão, fita a câmera oferecendo um irônico sorriso. Os punhos cerrados de Tae-Suk - ou prisioneiro 2904 - se desenharam na superfície-película-filme, e anunciam em close o gesto de um soco que, em vez de agredir, se abre e revela uma mão-que-vê. O que se projeta na tela a partir daí são lentos movimentos giratórios de um corpo, em composição de passos numa silenciosa dança. Intensidades luz e cor e movimento jorram e

se despregam da superfície fílmica e movimentam forças, criam singularidades...

Nesta dança, imprimem-se ritmos inesperados que podem provocar ímpares rodopios e giros, e possibilidades de encontro e de deslocamentos de corpos... Passos-caminhada que se desdobram em dança, quase uma consequência do andar, quase espontaneidade, instalando ritmos no encontro de corpos. Nos dizeres de Agamben, sobre o amor: "Viver na intimidade de um ser estranho, e não para aproximá-lo, para fazê-lo conhecido, porém para mantê-lo estranho, distante, e mais: inaparente, tão inaparente que seu nome o contenha inteiro" (AGAMBEN, 1989, p. 43). Aceitando a possibilidade de correr riscos, de dançar no trapézio, sem rede; de transmutar corpos /filósofos/guerreiros/artistas/falsários, híbridos no grandioso espetáculo da vida, em aprendiz de ousadia; de exercitar movimentos e de observar: deslocar, sair do confortável lugar; ensaiar passos para propor uma dança sem prévia coreografia, para dançarinos que se movem em compassos cadenciados, de corpo inteiro, mergulhados em imanências. Subjetividade inscrita na superfície do corpo.

Superfície-pele, contato, plena potencialidade que dobra polaridades, colocando o fora e o dentro no *conjunto dos afectos intensivos*. Corpo não-orgânico que se figura em membrana/película na superfície da imagem. Força que se dá pelo/no vazio e silêncio, *afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais*. Personagem-membrana em movimento, posto que:

Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto - o CsO - mas já se está sobre ele - arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.09)

O corpo em silêncio e vazio do filme *A Casa Vazia* é a dobra do Homem, substituído pelo corpo da sensação, da presença-ausência; as intensidades incorpóreas e a persona(em via)gem do conto; a vida que é o capaz do erro para Foucault, estendendo pensamentos para um infinito (efêmero e com as violências da força)... A dobra silêncio e fragmento com Foucault e cenas do filme *A Casa Vazia*; devir acontecimental com a exposição *1000 Plateaux*. Uma composição, dentre tantas possibilidades de se estar sobre o CsO, posto que:

Não há órgãos despedaçados em relação a uma unidade perdida, nem retorno ao indiferenciado em relação a uma totalidade diferenciável. Existe, isto sim, distribuição das razões intensivas de órgãos, com seus artigos positivos indefinidos, no interior de um coletivo ou de uma multiplicidade, num agenciamento e segundo conexões maquinicas operando sobre um CsO. (DELEUZE & GUATTARI,1997, p.26)

Buscar por uma vida que se desfaça do que a aprisiona, que se virtualize, se invente em modos e formas de ser e se descubra pura imanência, potências.

Uma vida: "determinabilidade transcendental da imanência como vida singular, sua natureza absolutamente virtual e o seu definir-se somente através dessa virtualidade" (AGAMBEN, 1998, p. 173).

Vida como imediateza absoluta, vitalismo: pura contemplação sem conhecimento, potência sem ação.

Uma vida que não consista somente no seu confronto com a morte e uma imanência que não volte a produzir transcendência.



Lá vai a Vida,
Diva vadia:
(á)vida
a
advi(r),
Vi(n)da.
Um dia,
lá se foi
a vida
ida...

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *Image et mémoire*. Paris, ed. Hoëbeke, 1998.
- _____. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993.
- BUCI-GLUCKSMANN, Luci. Variações sobre a imagem: estética e política. In; LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 83.
- CALVINO, Italo. Aventuras de um automobilista. In: *Amores Difíceis*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.139-46.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- _____. *As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)*. In: *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101-30.
- _____. Os dois andares. In: *A dobra Leibniz e o barroco*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 167-200.
- _____. *Empirismo e subjetividade; ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- _____. Imanência: uma vida... In: *gilles Deleuze*. Revista Educação e Realidade, v.27, no2, jul/dez 2002, p. 10-7.
- _____. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Exasperación a la filosofía, el Leibniz de Deleuze*. Buenos Aires: Cactus, 2006.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 3, coleção TRANS. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 1ª Edição. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. O Atual e o Virtual. Texto originalmente publicado em anexo à nova edição de *Dialogues*, DELEUZE, GILLES e PARNET, CLAIRE. Paris: Flammarion, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS, Leonel. *O que é a linha?* Artigo Publicado nos cadernos da BES Conference, 2009.

As imagens que compõem este giro foram montadas e manipuladas digitalmente por Bia Porto em julho/2010, a partir de fotografias da Instalação "*1000 Plateaux*" de Claude Lévêque, (2005) e de fotogramas do filme "*Casa Vazia*", de Kim Ki Duk, (2004).



Olhos de escutar: silêncios: rumores
Olhos de escutar: silêncios: rumores

Bocas pra cheirar: ventosas: humores
Bocas pra cheirar: ventosas: humores

Ouvidos de ver: radares: sensores
Ouvidos de ver: radares: sensores

Narizes de comer: paladares: vorazes
Narizes de comer: paladares: vorazes

H*ic* a t*er*m
E*xi* - i*st*u*r*
E*xi* - q*ue* - s*er*
Q*ue* s*e* e*xi* - v*ai*
R*e* - c*ri*a*r*
I*n* - c*or*p*or*a*r*
D*es* - m*an*ch*ar* -s*e*
N*o* q*ue* s*e* é

(Hi)
(Hi) ato
Abre-te ato
Abre-te BOca ato
BOca
Abismal C
Abismal C Ova
Ova
Es Vaz ia
Es Vaz ia
Ed uca cão
Ed uca ção

possibilidades
de interação
seres/coisas:
humanos, microorganismos e máquinas:
composições,
criações...
maravilhamento assombroso
assombramento maravilhado:
bioarte



Theorem Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.

Biótopos:
desenhos de vida.
Bolhas emplastadas
de organismos disformes.
Círculo da vida.
Azuis aquosos ímersos
em vermelhos terrosos.
Sangue.
Fluxo glanuloso.
Plasma.



Clairvoyance Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.



Apsides Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.

Contágio

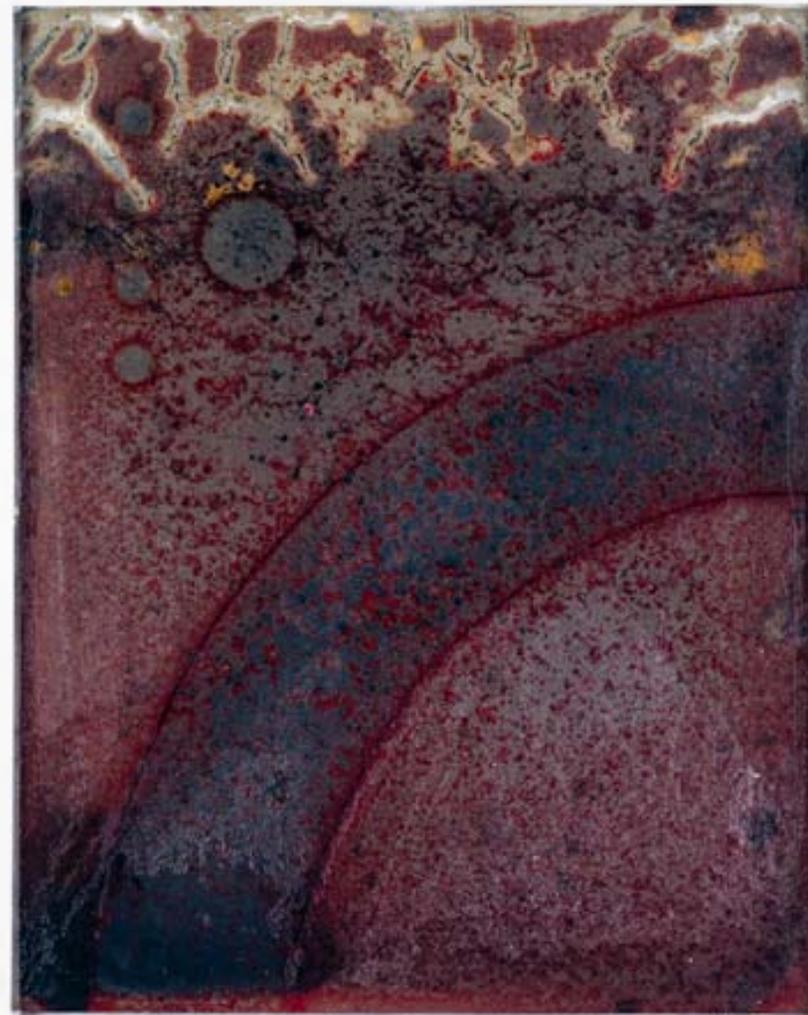
Vida viral: micro vida que depende de chegar perto, quer movimentar a ideia de fluxo, de vida.

Pensar esse deslocamento de força, que antes estava no olho e que depende da criação de uma imanência, um calor...

Mexe com a vida lá onde não se enxerga vida.

Arte úmida,
transgênica,

vida plugada, transumana...
Tudo é vida?



Hullabaloo Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.



Odyssey Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.

Organismos em placas
encharcadas
de substância.

Matéria reagente
Reage com gente
Rege a gente.

Bio: organismo, vida organizada em ambientes de micro vida. Biótopos que interagem com gente, vida reagente, mutante. Incorpóreo que é orgânico - potência do inorgânico desde dentro do orgânico. Vida não orgânica, sem sujeito. Borbulhas de vida em telas, quadros de comunidade fugaz, instantânea, que não se aprisiona, incorpórea, organismo que se desorganiza; transformação de vida biológica em arte.

Arte como aquilo que resiste, como possibilidade de existência e vida singular, como obra de arte.

Arte nomeada: bioarte, arte biológica e arte genética. Dilemas que levam um crescente número de artistas situados nas intersecções da arte e biologia a produzir obras em múltiplos contextos. Realizações no campo da biologia contribuem para a compreensão e controle potencial do mundo orgânico, incluindo o corpo humano.

Inauguro a busca com Eduardo Kac em uma de suas obras: *"Specimen of secrecy about marvellous discoveries"* (2006).

Não estive em Singapura, em 2006, nem frequentei outros espaços em que pudesse ter acesso a esta obra de Eduardo Kac. Foram as fotos divulgadas em sua página da web, que me provocaram sensações e me levaram a escolher imagens dos biótopos para compor em minha pesquisa.

Apresento fotografias desta obra realizadas em dois momentos, num intervalo de quatro anos. As primeiras fotos foram recolhidas do site do artista, e as últimas realizadas por mim em visita à exposição: *"lagoglifos, biotopos e obras transgênicas"*, no Espaço Oi, Rio de Janeiro, em março de 2010. Estas imagens se fazem acompanhar por pulsos de escrita-jorro, vermelhas criações que escorreram dos meus pensamentos e produziram sensações no contato com estes quadros vivos em composição com o

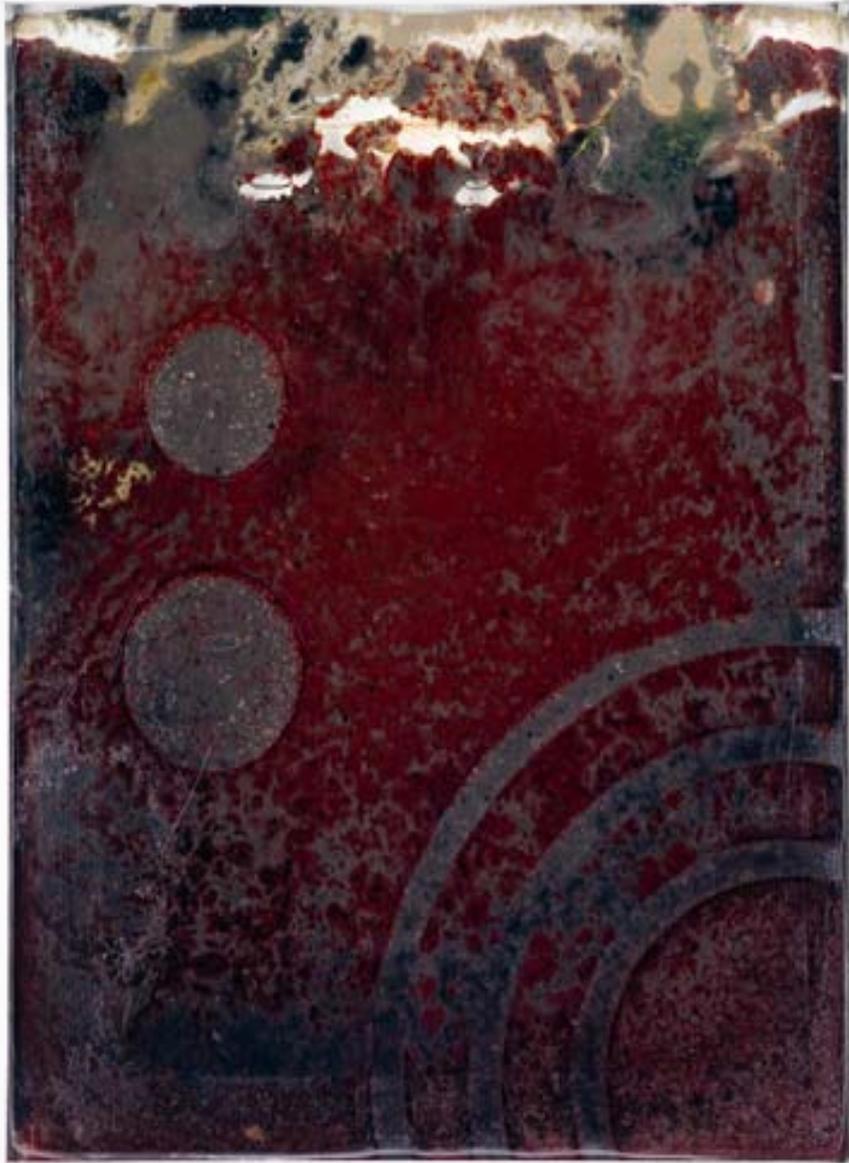
silêncio/texturas/granulação nas fotos que fiz ao visitar a exposição no Rio de Janeiro.

Conheci quatro dentre os seis quadros criados por ele em 2006. Este encontro me provocou outras sensações, que registrei em fotos e composições de mais alguns poemas concretos.

Potência de uma vida não-orgânica que me coloca em busca, pela arte contemporânea; encontro-me com a bioarte e dela seleciono esta produção artística de Eduardo Kac, para pensar vida e criação pelo deslocamento de uma força, que depende da criação a partir de uma imanência: lugar de uma relação entre, de encontros que se geram num calor, numa luz, que provocam deslocamentos... Arte úmida, transgênica, vida ciborgue, plugada, transumana.

Estas obras problematizam uma arte-vida orgânica e não conversam com o conceito de vida não-orgânica, incorpórea, inorgânica; entram em conflito com a ideia de vida singular, de singularidades, na vida para além do encontro dos corpos, vida que é pensamento. Ao tentar aproximar suas criações das discussões e conceitos filosóficos contemporâneos, o que emergiu foi ainda a ideia de subjetividade plena de organicidade, com ênfase na corporeidade.

Pode-se apostar na arte como força de inscrição de sentidos outros, se esta ideia de vida que se faz atualizar, de alteridade incorporada enquanto opera em si, no próprio ser vivo, que inaugura novas possibilidades de pensar a cada vez que se incorpora o exterior, numa espécie de reserva de futuro. Pode-se dizer com o Deleuze de *Imanência: uma vida...* "Vida, imanência absoluta, pura potência, de onde brota uma possibilidade: a do ser em si, simplesmente: tantum" (p.13).



Oblivion Biotope, 19 X 23" (48.2 x 58.4 cm), 2006.

Os biótopos da série "*Specimen of secrecy about marvellous discoveries*" (*Espécime de segredo sobre descobertas maravilhosas*) são ambientes criados pelo artista Eduardo Kac (consultado em <http://www.ekac.org/>) em um meio de cultura contido em uma espécie de exoesqueleto, que também funciona como moldura. Cada biótopo é definido como um corpo, um indivíduo com sua própria identidade. Em Ecologia, um biótopo ou ecótopo (do grego βίος - bios = vida + τόπος = lugar, ou seja, *lugar onde se encontra vida*) é uma região que apresenta regularidade nas condições ambientais e nas populações animais e vegetais, das quais é o hábitat. Um ecossistema corresponde a um conjunto formado por dois elementos em interação constante: um ambiente de natureza físico-química, abiótico e bem delimitado no espaço e no tempo, a que se chama BIÓTOPO, e o conjunto de seres vivos, ou BIOCENESE, que habita esse biótopo. Constitui o elemento funcional de base da biosfera; mantém-se por intermédio de um fluxo de energia e de matéria entre estas diferentes componentes em interação permanente. Nos dizeres do artista:

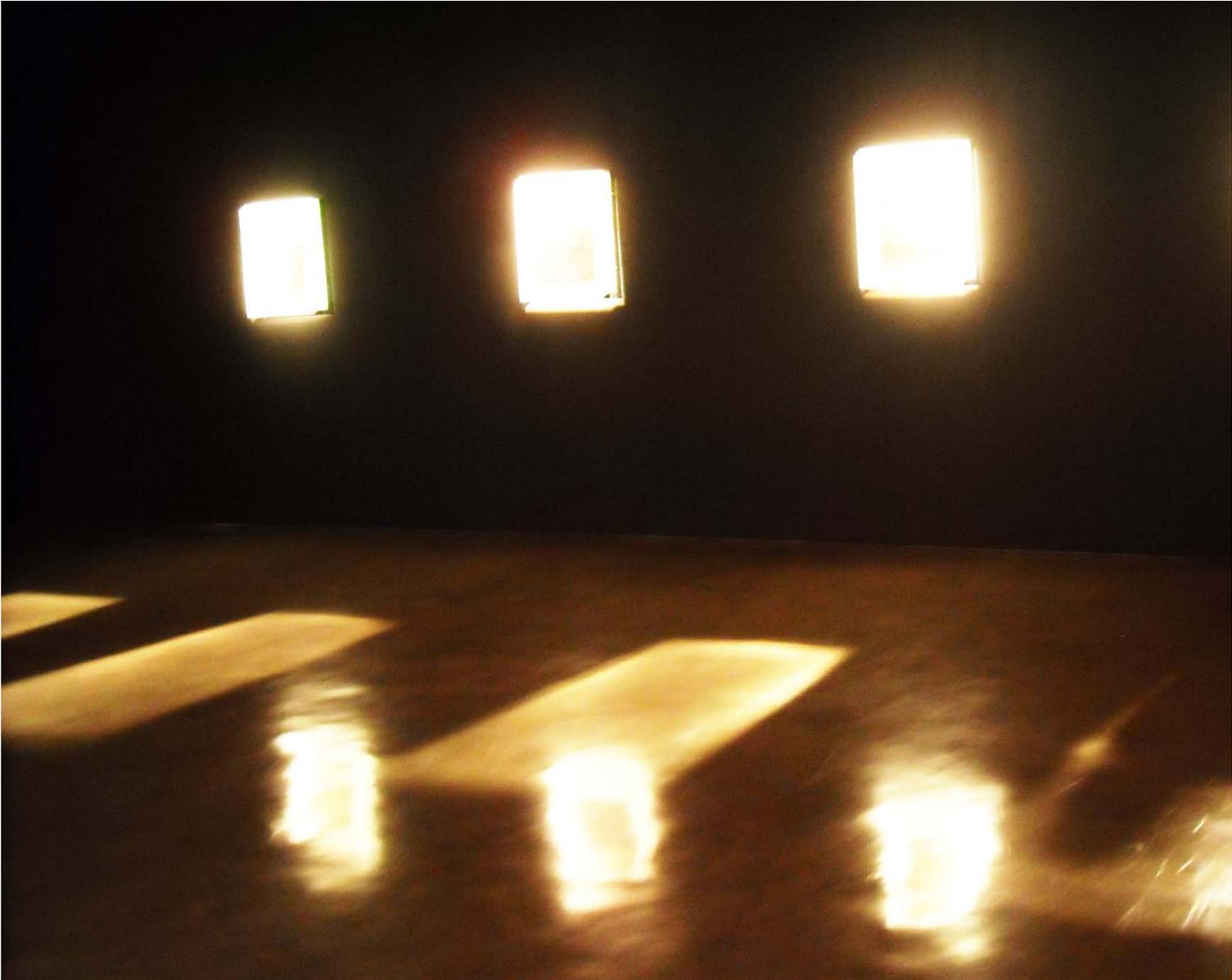
Cada trabalho é tanto uma entidade singular, como nós, e uma comunidade de células e microorganismos, como eu e você.
Assim como fazem em nosso corpo, humano, essas enormes comunidades de microorganismos do biótopo interagem entre si e, como uma unidade, interagem com o ambiente. É um trabalho que sempre muda, pois, é literalmente vivo. (KAC, 2008)

Se uma obra de arte revela o universo poético do artista - traduzindo o mundo por ele criado -, na plataforma estética da arte transgênica encontra-se a criação de outras formas de vida, artificiais, que não existem na natureza. Eduardo Kac se apropria de instrumental genético para criar, fazer pulsar, a

partir da arte, outras possibilidades de contato que promovem encontros híbridos entre os seres. Para ele, você literalmente:

"vive com ele", com outro ser vivo em sua casa, como se a obra de arte na sua parede compartilhasse algumas qualidades de suas plantas ou peixes, como crescimento, mudança e imprevisibilidade comportamental. O futuro da bioarte envolve esse nível de relação pessoal, de intimidade. (KAC, Web <http://www.ekac.org/>)

Retorno às perguntas-sensações que acompanham minhas experiências: se na contemporaneidade nos tornamos outros, híbridos e mutantes, descendentes de tantos mundos quantos os que pudermos criar, por que estes corpos plugados ainda insistem em manter conexões de outrora, em instituições que nos colocam frente às relações dualistas, paradoxais? Aproximações estéticas permitem trazer a arte transgênica para pensar uma nova noção de vida ou buscar por outras relações com a vida, de-subjetivada? Que outros encontros podem acontecer entre o humano e o inanimado? A bioarte traz outras possibilidades de provocar encontros entre vidas singulares na contemporaneidade?



Pensar a vida singular por essa criação *de vida na vida*, esse conceito hoje, no agora. Assumir a virtualidade enquanto o que dá sentido à vida, que se dá no acaso, no antes e no tornar-se, vir-a-ser, devir.

Transitar por estas obras de Eduardo Kac gerou um começo do caminhar, foi ponto de partida para levantar questões a respeito da vida na contemporaneidade; abriu possibilidades de pensar a singularidade da vida, na dimensão da invenção. Porém, este artista pensa uma arte-vida orgânica, e este conceito emerge em suas criações artísticas ainda fortemente acoplado à noção de sujeito, o que o aprisiona no campo das representações.

Kac cria uma visão sobre a vida, e em algumas de suas obras afirma o saber e poder da biotecnologia, ao mesmo tempo em que denuncia a maneira de estarmos no mundo hoje. Seus fazeres provocam acontecimentos, burburinho; sua arte não afirma, antes tensiona. O que o torna singular, e como suas obras criam para mim, movimentos para pensar encontros entre vidas?

Pela inserção no mundo de *uma* arte, que provoca a partir de um outro lugar, que não é do campo da norma e da funcionalidade. Escancarando essa vida singular na arte, faz manipulações que vêm com a função da sensação. Está dada a possibilidade: provocar encontros com a poética do artista. As obras dele que causam estranhamento podem nos ajudar a pensar, pelo campo das sensações, outras possibilidades de sair desse aprisionamento da funcionalidade, da função social, da justificativa da ampliação de vida... Penso, pelas sensações com as obras de Kac e pela filosofia, uma relação de contato/contágio com sentidos de vida, educação e arte.

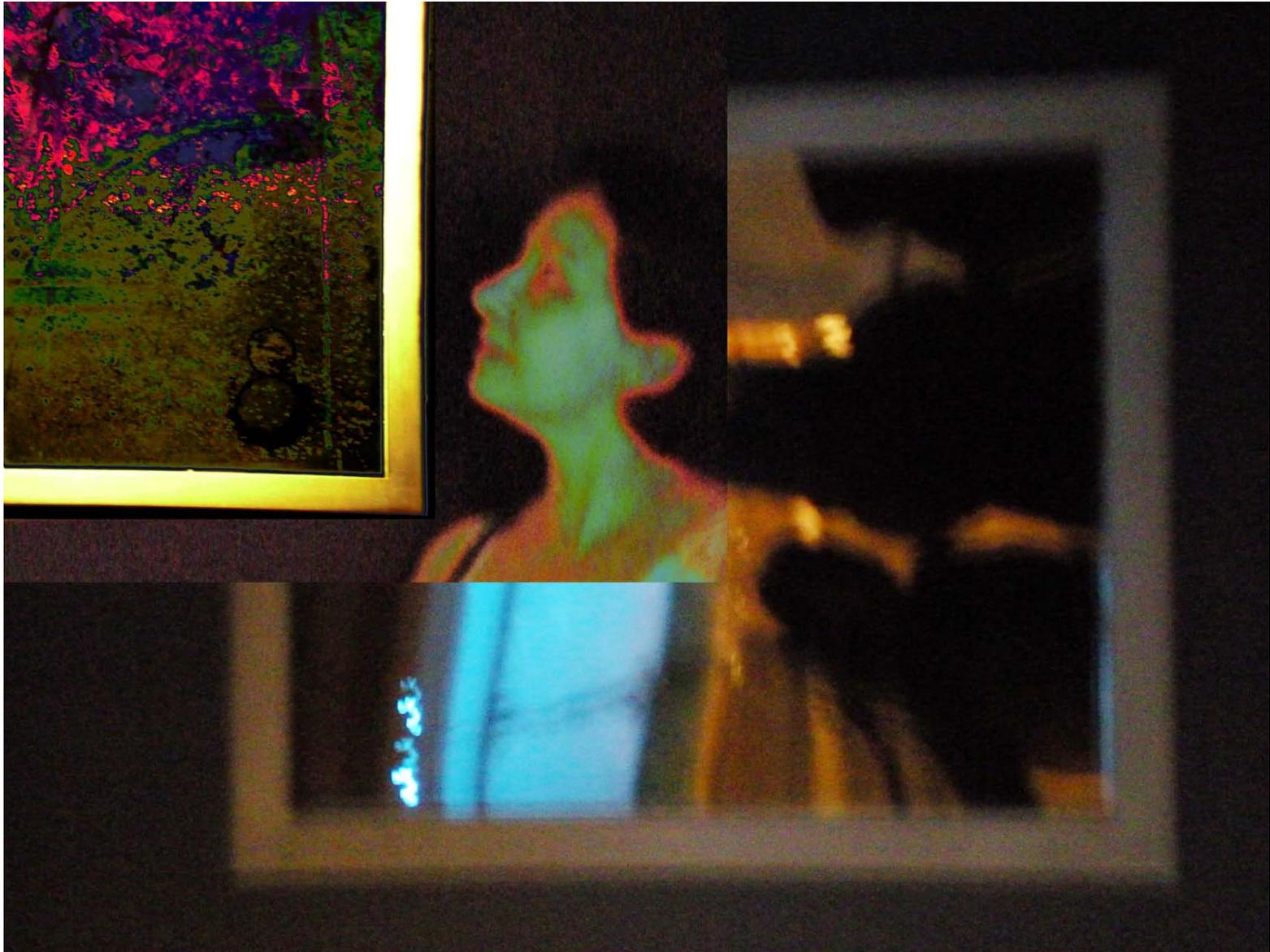
Kac pensa a criação na vida, da vida, na arte, da arte. Traz possibilidades de pensar em outros territórios que não os da ciência, dando visibilidade a outro percurso para questões éticas e estéticas. Pela bioarte, provoca, questiona a transformação de vidas.

Sou gente=bicho=planta,
bicho=im=plantado,
planta=em=bicho=em=gente,
biopartícula sou.

Microorganismos em comunidades vírais.

Estou...

mutante.



Uma arte que traz a possibilidade de fissura, de sentidos em escape e de virtualidade para pensar o esplendor reluzente da vida com Leibniz e Eduardo Kac. Dobrar, vergar-se na singularidade da vida. Se a subjetivação se faz por dobra, dobrar, problematizar a singularização da vida pelo/no conceito de mônada, desdobrando-o pelas/nas obras de Eduardo Kac. Provocar encontros/dobraduras que escapem ao campo da representação. Pensar com o ensaio *As dobras ou o lado de dentro do pensamento (Subjetivação)* no livro *Foucault*, escrito por Deleuze em 1986. E desenhar a(s) dobra(s)...

Deleuze, dobrado em Foucault, enuncia que toda forma é um composto de relações de forças; na forma-Homem, forças no homem entram em relação com forças de fora, provocando dobras, o que resulta numa forma-outra.

No século XVII - nos dirá o Foucault que pesquisa na história, pela voz de Deleuze - as forças no homem entram em relação com as forças de elevação ao infinito e resultam na forma-Deus, num mundo da representação infinita. Para o pensamento clássico, desdobrar é explicar: o caráter da vida pela história natural, a raiz da língua pela gramática geral, o dinheiro ou a terra na análise das riquezas.

No século XIX, as forças no homem entram em relação com as forças de finitude - Vida, Trabalho e Linguagem -, resultando na forma-Homem. No pensamento moderno alteram-se as ordens da representação infinita, o comparado substitui o geral e a dobra cria uma espessura e um oco. A lingüística introduz outro campo de estudos na linguagem, a economia política aprofunda questões do trabalho e a vida ganha profundidade orgânica, numa nova dimensão espaço-temporal, em planos de organização segundo os quais os seres vivos se disseminam; impõe-se uma repartição de organismos com a biologia, e estes não mais se alinham em série, mas se desenvolvem cada um por sua conta.

Para pensar o futuro, propõe Deleuze (1988): "Se as forças no homem só compõem uma forma entrando em relação com as forças do lado de fora, com quais novas forças elas correm o risco de entrar em relação agora, e que nova forma poderia advir que não seja mais nem Deus nem o Homem?" (p. 140).

Superdobra, eterno retorno. A biologia reconfigurada em biologia molecular e a vida dispersa redesenhada pelo código genético. É na figura nietzschiana do super-homem e na dimensão de um finito-ilimitado que surge a possibilidade de liberar a vida dentro do homem em proveito de outra forma. *"As forças no homem em relação a estas novas forças do fora, instaurando a imanência de um sempre-outro"* (DELEUZE, 1988, p. 105).

Deleuze parte de um impasse foucaultiano: como ultrapassar a linha que aprisiona a vida ao poder? Se o ponto de concentração de energia da vida se localiza no choque com o poder; se os centros difusos de poder se localizam no primado da resistência; se, ao tomar a vida ao poder, cria-se a condição de possibilidade para uma vida que resiste ao poder; e se essas relações transversais de resistência não param de derrubar os diagramas e reestratificam em nós de poder?

Questões foucaultianas que provocam uma dobra no pensamento deleuziano... Se o poder sobre a vida - bio-poder - traça linhas transversais de resistência da vida ao poder, e subverte essa relação de forças; a vida, potência do lado de fora, enquanto força que resiste, escapa às armadilhas do diagrama, e não para de se transmutar. Armadilhas que se anunciam no duplo Morte/Memória. Como escapar ao vazio aterrorizante e não se deixar aprisionar pela distribuição de mortes parciais? Pelo movimento que arranca o lado de fora do vazio, que o desvia da Morte. Pela "absoluta memória", potência de vida que concebe, com Bichat, a morte coextensiva à vida, esta que é feita de uma multiplicidade de

mortes parciais e singulares. "A morte se multiplica e se diferencia para dar à vida as singularidades, as verdades que acredita dever à sua resistência" (DELEUZE, 1988, p. 102).

Vida é esta coextensividade, longo período de sucessivas mortes. O tempo como subjetivação chama-se memória, verdadeiro nome da relação consigo. "[...] "absoluta memória", que duplica o presente, que reduplica o lado de fora e que não se distingue do esquecimento, pois ela é ela própria e é sempre esquecida para se refazer... [...] pensar o lado de fora como tempo, sob a condição da dobra" (DELEUZE, 1988, p. 115). Dobrar: se as forças pertencem ao lado de fora, e se relacionam com outras forças, enquanto o lado de fora está dobrado, um lado de dentro lhe é coextensivo, assim como a memória é coextensiva ao esquecimento.

Pensar a singularidade, a vida nas dobras... Dobras de uma vida que acontece na multiplicidade de mortes parciais e singulares, na coextensão de sucessivas mortes. Vida-movimento que não para de se transmutar, num tempo-memória que se dobra em esquecimento, duplicando presentes subjetivados.

Fora.

Nada.

Sem portas nem janelas.

Para evitar a tirania do acontecimento: ... Porque tudo é acontecimento, o mundo é feito disso. Uma planta, uma música, uma frase, um livro num instante, um pequeno grupo, uma pessoa, um...

... Uma monadologia pode ser uma ética dos encontros grupusculares. É uma ética de parasitas mutantes. Temos que alimentar-nos, usar, incorporar-nos ao mundo, absorver, chupar, libar acontecimentos, parasitar vidas, pensamentos, energias, vibrações, experiências de outros. Mas apenas quando podemos fazer que nos habitem numa modificação interna. Se não podemos, não vale a pena (a pena: para fora, para fora, vamos, podemos, com força, para fora, a luz, luz, luz...saturação de luz). Também deixar-se parasitar, mas isto é mais fácil. Um mundo sem conexões. Só modificações internas de algo ou alguém, habitados por algo ou alguém, isso seria uma relação. Em lugar de redes, um mundo feito só de incrustações. Um espaço grupuscular.

Para dentro.

Sem portas nem janelas.

Temos que estar alerta, à espreita,

Temos que conseguir estar onde podemos acompanhar o fundo das pequenas inclinações que compõem a alma. Como? (DELEUZE, 2006, p. 8-13).

Numa subjetivação que se faz por dobras, quatro pregas não param de movimentar² o Eu que assume um conjunto de posições singulares: fala-se/vê-se; combate-se; vive-se. Mudar o diagrama instável, o saber, o poder e o si entrelaçados, metamorfoseando sujeito e sujeição, renascendo em outras formas e lugares. Replicando Deleuze, em suas perguntas por "quais são": os novos tipos de lutas, transversais e imediatas; as novas funções do singular, e os novos modos de subjetivação sem identidade?

Seria a bioarte uma manifestação da criação de vida singular? Arte singular, que se manifesta no comum produzindo *uma* vida. Vida e arte em constante movimento, deslocando-se entre os conceitos que lhe são atribuídos e tantos outros cruzamentos, em misturas pulsantes, híbridas, contínuas, gerando singularidades. A potência de vida na arte em conexão com a aposta de vida singular no pensamento filosófico deleuziano: vida não-orgânica, incorpórea, inorgânica. Ideia de vida que não se efetua, que está sempre em escape. Menos ser, mais devir; transformação, nômade, vida para além do encontro dos corpos, vida que é pensamento, pensamento que é indizível.

Kac cria e me faz pensar a criação de vida, em todas as suas dimensões: discursiva, afetiva, perceptiva, interativa. Sua ênfase está no que há de novo na obra, porque é aí que se encontra o domínio da invenção e da imaginação. Com ele, é possível trabalhar com a ideia de arte como pulsão de criação e de força/potência, e considerar as obras de arte em sua relação com a tecnociência, elegendo as dimensões da obra que são filosóficas e culturais: estética relacional. Para ele,

² A primeira se dobra na parte material de nós mesmos, *aphrodisia* grega ou desejo cristão; a segunda, numa relação de forças, a terceira é a do saber ou da verdade; e a quarta, do lado de fora, a interioridade de espera nos dizeres de Blanchot.

Invenção e modificação da vida pelo artista, para fazer a obra de arte. Ética performativa: experiência ética colocada pelo artista como elemento primário da plataforma estética; quando a obra desempenha uma ação ética deliberada, a ação ética e a ação estética estão integradas já no nascedouro da obra, não a posteriori. (KAC, 2004, p. 35)

Em algumas de suas obras ele desestabiliza a ideia do controle, ao criar seres culturais; como em *Lance 36*, por ele assim definida:

Uma partida para jogadores fantasmas, uma afirmação filosófica revelada por uma planta, um processo escultural que explora a poética da vida real e da evolução. Essa instalação dá procedimento à minha contínua intervenção nos limites entre o ser vivo (animais humanos e não humanos) e o não vivo (máquinas, redes). Colocando em xeque noções tradicionais, a obra revela a natureza como uma arena para a produção de conflitos ideológicos, e as ciências físicas como um locus para a criação de ficções científicas. (Consultado em: <http://www.ekac.org/move36.portuguese.html>)

Desestabilização, des-controle do natural; arte como força de inscrição de sentidos outros, vida como descontrole, como nomadismo, transformação, e novo.

A bioarte de Kac expressou sentidos outros que não o do *bios* orgânico. Violentou o pensamento, forçou-me a pensar a relação *bios*, filosofia e política com essa ideia da vida singular. Recolheu-se da imersão na arte potencialidades de uma gênese...

Sem.

Conseguir-se-ia deslizar eternamente? O que pode o tempo potência para as singularidades educação, as linhas não-orgânicas? Há de se inventar outra estética, estilo e escrita para a educação.

Sem.

Uma vida singular é (in)sustentável na educação? Criar novos e intensos modos de estar no mundo, criativamente. Se uma vida não-orgânica é "aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música" (DELEUZE, 2006, p.196), começar uma não-orgânica educação, na palavra mesma.

Sem.

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... In: *gilles Deleuze*. Revista Educação e Realidade, v.27, no2, jul/dez 2002, p. 10-7.

KAC, Eduardo. *Uma conversa com o artista*. Entrevista originalmente publicada na Art.Es, jan/fev de 2008, Espanha. Por Simone Osthoff. Tradução: Cristina Caldas, Revista ComCiência, setembro de 2008.

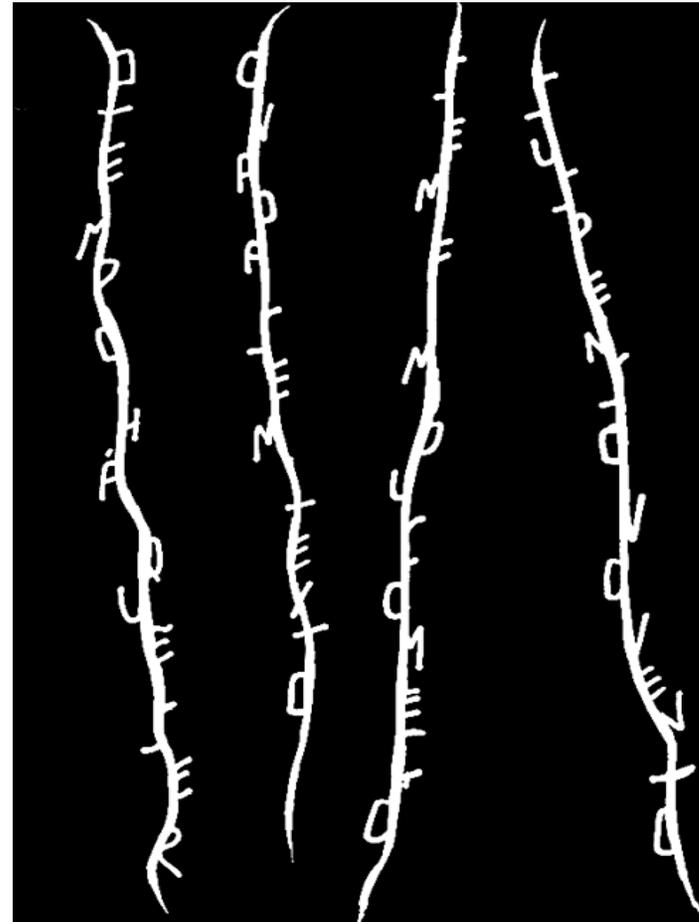
KAC, Eduardo. *O Oitavo Dia*. Tradução de Ana Valéria Lessa. Originalmente publicado em português em: MACIEL, Katia (org). *Redes sensoriais: arte, ciência, tecnologia*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003, pp. 259-264.

Entrevista a Eduardo Kac para a revista online Interact (www.interact.com.pt). Realizada por ocasião dos Encontros de Arte e Comunicação (Junho de 2005). (Primeira publicação em português em: Oroboro, N.1, Curitiba, 2004, pp. 34-37. Consultado em: <http://www.ekac.org/move36.portuguese.html>).

As imagens que compõem este giro foram montadas e manipuladas digitalmente por Bia Porto em julho/2010, a partir de fotografias dos Biótopos da série *Specimen of Secrecy about Marvelous Discoveries*, (2004/2006) do artista Eduardo Kac, e de fotografias na Exposição: *"lagoglifos, biotopos e obras transgênicas"*, Espaço Oi, Rio de Janeiro, março de 2010.



*O tempo
há que ser
o nada
sem texto
sem fim
ou começo
suspenso
no vento
(Kac)*



Poema Visual - 1982, Eduardo Kac

ávida

Há que ser...

varal ao vento...

por um via,

pendurada

Há que ser

Sem / can-tex-to...

o nada...

há que ser

Ávida

Uma vida não-orgânica,
vida que não morre,
vida que não organismo, que morre.
vida que vibra e cintila,
vida que diz: não.

e vida e arte e (com)fabulação...

Virtual encontro que não se realiza, mas quer se efetuar na criação de outros e paralelos mundos. Dentre estes mundos, criar uma plataforma, bio topos em que se encontrem milhares de vidas, como se numa estação qualquer de metrô: comum lugar de passagem e platô, tablado movente e subterrâneo a misturar corpos, a plasmar encontros. Estrangeiras comunidades desenhando conexões, seres a atravessar espaços. Velozes luzes e sons em mistura e cores a mixar pensamentos em ires e vires. Linhas. Vetores. Em trânsito. Fugazes conexões ao acaso cruzando vidas que se atritam, esbarram, esquentam, contagiam. Delas emanam forças, nelas se potencializam energias que vibram em rumores e as deslocam. Deslocamentos de corpos a produzir singularidades e a desenhar sinapses, linhas de inorgânica vida.

a com-fabular...

A imagem de uma estação qualquer de metrô transforma-se em um singular espaço, uma linha de imanência, lugar do acontecimento por vir. No/do fabuloso platô estação, emana uma espécie de segredo sobre descobertas maravilhosas, potência do falso nomeada por Eduardo Kac numa composição em biótopos. Para o artista, cada um deles ambientando mundos: Teorema, Clarividência, Algazarra, Odisseia, Esquecimento, Apsides/Equidistância³, Doohickey/Bugiganga⁴.

Neles/deles ecoam vozes dos artífílosofos Nietzsche, Foucault e Deleuze. Que pensamentos a respeito da vida é possível criar, se no encontro com a bioarte, nos/dos biótopos de Kac?

³ Ponto de maior ou menor distância de um corpo de um dos focos de sua órbita elíptica, segundo <http://en.wikipedia.org/wiki/Apsis>.

⁴ Um gadget sem nome ou bugiganga, segundo <http://www.thefreedictionary.com/doohickey>.



Eduardo Kac, 2006. Biótopos: Algazarra, Esquecimento, Teorema, Apsides/Equidistância, Odisseia, Clarividência



"A vida não é argumento", diz Friedrich Nietzsche. E argumenta:

- Armamos para nós um mundo, em que podemos viver - ao admitirmos corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé ninguém toleraria agora viver! Mas com isso ainda não são nada de demonstrado. A vida não é argumento; entre as condições da vida poderia estar o erro (NIETZSCHE, 1978, p. 202).

Uma vida. Em cujas condições se inclua o erro. Por uma filosofia do erro, em oposição à filosofia do sentido, do sujeito e do vivido. A filosofia contemporânea expressa desde Nietzsche um pensamento que trabalha com a conceituação de vida e de homem para ressignificá-los, *que se contrapõe* às ideias platônicas, transcendentais, na possibilidade de de-substancializar o sujeito *cogito*, essencial e consciente. Pensar *uma vida*, movimentando este conceito na discussão entre vida, singularidades e virtualidades. Escolher dentre fragmentos estéticos que provocam sensações: afectos e perceptos enquanto possibilidades de criação do real; conversar com/por imagens, partindo de narrativas que convidem a escapar de fixas representações e dos exercícios de reconhecimento.

Uma vida. Indefinida no/pelo artigo, condutor do desejo. Nas palavras de Deleuze em Mil Platôs, "o artigo indefinido não é indeterminado ou indiferenciado, mas exprime a pura determinação de



intensidade, a diferença intensiva" (1997 vol. III p. 26). Expressão não orgânica da vida, na diferença intensiva, quer escapar ao controle, como que a resistir aos múltiplos mecanismos de aprisionamento da sociedade ocidental.

Uma vida. Acontecimento conceitual filosófico, atividade criativa, atos de criação que, para Deleuze, são próprios de distintas potências do pensamento como a filosofia, a arte e a ciência. Da filosofia é a tarefa de inventar e criar conceitos; da arte, a criação emana em blocos de sensações; enquanto que a ciência incumbe-se de inventar e criar funções, compreendidas como a correspondência entre conjuntos.

Aproximar-se da noção de vida pela singularidade: uma vida, imanência absoluta, com Deleuze; uma vida-erro, com Nietzsche e Foucault. Deleuze, em *Imanência: uma vida...*, cria um conceito de vida que não consiste somente no seu confronto com a morte e propõe uma imanência que não volte a produzir

transcendência: imanência absoluta, ser imanente só a si mesmo, mas em movimento. Em *A vida: a experiência e a ciência*, Foucault pensa com Canguilhem outra abordagem para a noção de vida, a partir da história das ciências, numa perspectiva histórico-epistemológica. O que se pretende é "reencontrar, pela elucidação do saber sobre a vida, e dos conceitos que articulam esse saber, o que foi feito do conceito na vida" (FOUCAULT, 2005, p.363).

Com Agamben (2002), vida pode movimentar-se em manifestações biológicas, no sentido que lhe confere a palavra *bíos*: vida formalizada de um grupo ou de um indivíduo; como o animal-homem, ser exemplar da *polis*,



que vive em relação com outros, que pratica linguagens e exercita a liberdade.

Vida movimenta-se ainda na palavra grega *zoé*, que nomeia o simples ato de viver, aquilo que os homens dividem com os animais, fato biológico, vida natural. Vida também pode movimentar-se na trilogia filosofia/ arte/ciência, se abraçamos as sensações, espaço de criação de outras formas possíveis de vida, como força de inscrição de sentido. Vida em transformação: em movimento.

Um pensamento: vida.

Três lugares de pensar: ciência, arte e filosofia.

Pensares que se criam. Com a ciência, em funções: functivos e prospectos movimentando-se em um plano de referência. Com a arte, em sensações: perceptos/afectos movimentando-se em um plano de composição; o artista arranca perceptos das percepções e afectos das afecções. Com a filosofia, em conceitos, instituição de acontecimentos conceptuais que se instauram num plano de imanência. Nos dizeres dos filósofos:

Das frases ou de um equivalente, a filosofia tira conceitos (que não se confundem com ideias gerais ou abstratas), enquanto que a ciência tira prospectos (proposições que não se confundem com juízos) e a arte tira perceptos (que também não se confundem com percepções e sentimentos). Em cada caso, a linguagem é submetida a provas e usos incomparáveis, mas que não definem a diferença entre as disciplinas, sem constituir também seus cruzamentos perpétuos. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.37).

Linguagem transpassada por planos que se cruzam e se querem em movimento... Movimento que é também vida, nos dizeres de Deleuze.

A partir do século XIX, estabelece-se para o homem



outro modo de relação entre a vida e a história: fora dela, nas suas imediações biológicas e ao mesmo tempo na história, pelas técnicas de saber e de poder. A vida assume importância enquanto objeto de saber e de poder, produzindo-se no seio de uma contradição: como nunca dantes as práticas de extermínio da vida se instalam pelas mãos de bélicas tecnologias, pelo braço do terror e à sombra das epidemias... Foucault dirá que "o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão" (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Instiga-me a pensar movimentos, vida em movimento. Provoca-me a movimentar a vida pela pulsão da arte.

Que forças vivas se apresentam e gestam novas sociabilidades, novas sensibilidades?

Com Foucault, Deleuze nos diz de um pensar que é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. "[...] Problematizando o pensamento pelo Saber, pensar é ver e é falar, existência singular e limitada; se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. Pensar é fazer com que o ver atinja o seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro separando-os" (DELEUZE, 1988, p. 124). "Problematizando o pensamento pelo Poder, pensar é emitir singularidades variáveis manifestas em relações de forças, é lançar os dados" (DELEUZE, 1988, p. 125).



"Problematizando o pensamento pelo Si, pensar a vida nas dobras torna-se processo de subjetivação, o si situado na câmara central" (DELEUZE, 1988, p. 130). A fórmula mais geral da relação consigo é: o afeto de si para consigo, ou a força vergada, dobrada. A subjetivação se faz por dobra. "[...] A relação consigo, a subjetivação, se faz por metamorfose, muda de modo. Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não para de renascer, em outros lugares e em outras formas" (DELEUZE, 1988, p. 111).

Há que se inventar o entrelaçamento que faça brilhar um clarão de luz nas palavras e faça ouvir um grito nas coisas visíveis; há que se movimentar pelas singularidades selvagens, que habitam a linha do próprio fora e que borbulham na fissura, no finito-ilimitado. Há que se potencializar a vida não-orgânica, *aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música*. Linha de vida,

(...) que não se mede mais por relações de forças e que transporta o homem para além do terror. Pois, no local da fissura, a linha forma uma fivela, "centro do ciclone, lá onde é possível viver, ou, mesmo, onde está, por excelência, a Vida". Aqui, é tornar-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, nessa zona de subjetivação (DELEUZE, 1988, p. 130).

Vida, imanência absoluta, pura potência, de onde brota uma possibilidade: a do ser em si, simplesmente: tantum. Para Zourabichvili (2004), citando Deleuze, a vida é:



(...) uma multiplicidade de planos heterogêneos de existência, repertoriáveis segundo o tipo de avaliação que os comanda ou os anima (distribuição de valores positivos e negativos); e essa multiplicidade atravessa os indivíduos mais do que os distingue uns dos outros (ou ainda: os indivíduos só se distinguem em função do tipo de vida dominante em cada um deles) (p.61).



Deleuze não pensa um conceito de vida em geral. Antes lhe interessa o caráter diferenciado-diferenciável, que exclui o recurso à vida como valor transcendente independente da experiência, preexistente às formas concretas e trans-individuais nas quais é inventada. Deleuze chama mais especificamente vida ou vitalidade aquela entre essas formas em que a vida - o próprio exercício de nossas faculdades - se quer a si mesma: forma paradoxal, mais próxima do informe. Vida acontecimental...



Doochickey Biotope, 46 X 37.4" (117 x 95 cm), Eduardo Kac, 2009.

e vida acontecimental e arte e resistência...

O mundo contemporâneo das artes problematiza e multiplica representações para o ser vivo, a máquina, o humano e o ser inanimado e abre possibilidades para pensar humanos e vidas outras, na proliferação de possíveis como as do campo da bioarte. Para Eduardo Kac, "A bioarte é uma arte feita com um meio de criação que se envolve com a história do planeta, que é a vida" (2006, p. 253). E a vida é enquanto vida alguma coisa que não para de se transformar, dirá Deleuze com Bergson.

A arte, neste pensar filosófico, é política, e esta sua dimensão manifesta-se nas múltiplas resistências que venha a exercer. Nos dizeres de RANCIÈRE (2004, p.129): "Para que a arte seja arte, é preciso que ela seja política; para que ela seja política, é preciso que o monumento fale duas vezes, como resumo do esforço humano e como resumo da força inumana que o separa de si mesmo". Resumo de uma dinâmica da vibração humana que se entrelaça à imobilidade estática do monumento, inumana rocha feita estátua. Paradoxais singularidades da/na arte, manifestando sua potência em obras que falem duplamente, do esforço humano e da força inumana, já que "A arte e a filosofia em seu momento estético são políticas através da ação" (ZOURABICHVILI, 2004, p.104).

Pensar no encontro dos conceitos arte e resistência desenha um par de palavras que se conecta pelo e... A impressão primeira é a de que se bastam ou, além disto, explicam-se e se complementam. No texto *Será que a arte resiste a alguma coisa?* Rancière (2004) nos dirá desta ilusão que se mantém apenas quando a observamos do lugar da *doxa*, universo das "falsas evidências",

da opinião. Ao transitar por terras filosóficas, o casal arte-resistência, antes em aparente harmonia, assume sua multiplicidade de significados.

No pensamento deleuziano movimentado por Rancière, a arte resistirá ao tempo, passivamente, quando pedra - em que a obra dura, e em que o monumento transporta para o futuro a obra/criatura de seu criador. Resistirá ao conceito, ativamente, se e quando não se deixar capturar em palavras que a definem, posto que pertença ao universo da sensação. Resistirá ainda à ordem das coisas e aos poderes, território de luta dos homens, se quando a eles se opuser ou com eles compactuar: "para operar o salto da torção artística das sensações para a luta dos homens, ela [a arte] deve assegurar a equivalência entre a dinâmica da vibração e a estática do monumento" (RANCIÈRE, 2004, p.128-9).

"A arte é o que resiste", dirá Deleuze (1992, p.215). A arte, neste pensar filosófico, é política, e esta sua dimensão manifesta-se nas múltiplas resistências que venha a exercer. Para Rancière (2004), a arte é política na medida em que fala duplamente através da obra, traduzindo ao mesmo tempo o esforço humano e a força inumana que a separa do homem. Dito com palavras de Deleuze (1999): "O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens".

Resistência pode se traduzir por *o que faz face a*: aquilo que provoca a dissidência imprevisível, impregnada de neutralização, plena do poder de divergir, de não se deixar inscrever em qualquer partilha das determinações. Como as crianças, que inventam "maneiras de não fazer fazendo, de fazer sem fazer ou de fazer de outra maneira, revertendo o seu sentido" (ZOURABICHVILI, 2004, p.105). Resistência ativa, que prefere não na aparente aceitação - como

em Bartleby, escrivão de Melville - que resiste na fronteira entre o fazer e o não fazer e prefere não...

A obra de arte é ato de resistência que se manifesta na fronteira entre o informar e o comunicar, que prefere não se traduzir pelo sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade, mas que exerce o poder *de fazer sem fazer ou de fazer de outra maneira, revertendo o seu sentido...* De modo que:

Poderíamos dizer então, de forma mais tosca, do ponto de vista que nos interessa, que a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste. Daí a relação tão estreita entre o ato de resistência e a obra de arte. Todo ato de resistência não é uma obra de arte, embora de uma certa maneira ela faça parte dele. Toda obra de arte não é um ato de resistência, e no entanto, de uma certa maneira, ela acaba sendo. (DELEUZE, 1999, p. 5)

Arte e resistência e filosofia... Triade que instiga Zourabichvili (2004) na busca pelas múltiplas facetas do vocábulo *resistência*, antes de enveredar-se pela indagação sobre o que pode a arte e a filosofia agora. Este autor movimentou a tradução da palavra resistência, em vários sentidos; quando esta nomeia o Movimento de Resistência Francesa traduz-se enquanto "nome histórico da disjunção de uma nação e não de sua união" (p.97).

Experimentar a metamorfose, deixar falar/ver, combater, viver as singularidades de resistência, abrir possibilidades da/na/pela potência de uma vida não-orgânica...

Potência de uma vida não-orgânica pela arte contemporânea, na bioarte. Espécime do segredo sobre descobertas maravilhosas, uma obra de Eduardo Kac para pensar vida e criação pelo deslocamento de uma força, que depende da criação de uma imanência: lugar de uma relação entre, de encontros que se

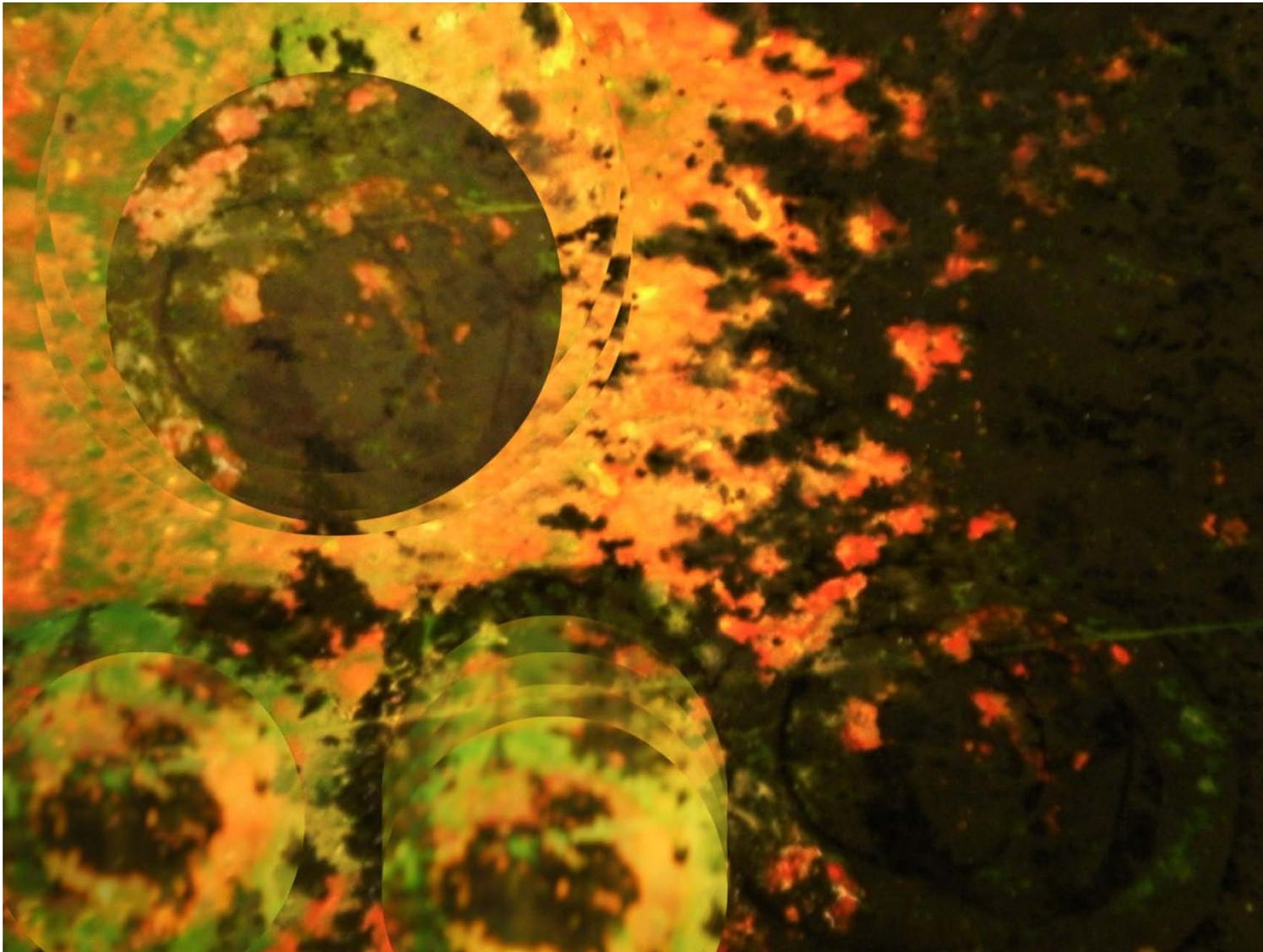
geram num calor, que provocam deslocamentos... Diferentes meios redefinidos e fundidos, na geração de objetos pictóricos vivos, em constante mutação e de imagens aparentemente estáticas que se movem em câmera lenta, sem nunca se repetir... Resposta visual em cores e formas do metabolismo interno ao ambiente externo de luz e calor. Arte úmida, transgênica, vida ciborgue, plugada, transumana.

A escolha desta obra artística recaiu na insistência de subtração do sujeito do Homem, da figuração do Homem, do recorte analítico da substituição de Deus pelo Homem, deste fascismo enlouquecedor que faz também a educação querer o autoritário da interpretação e da crítica. A bioarte e Kac e possibilidades de a vida existir no dentro/fora do organismo.

Enquanto linha de pensamento, fluxo intensivo, o pensamento-experimentação com o conceito de vida, se expressou em arte [resistência na/pela dinâmica da vibração, na/pela estática do monumento] e política [dever acontecimental gestando novas sociabilidades].

Teorema? Clarividência? Odisseia? Esquecimento? Algazarra? Equidistância? Bugiganga?

Um teorema:
bugigangas algazarram em clarividências
e esquecimentos orbitam em odisseias



Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer, o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. In: Folha de São Paulo; caderno MAIS, Domingo, 27/06/99, p. 5-4 a 5-5. Tradução: José Marcos Macedo.
- _____. *As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)*. In: *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101-30.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed.34, 1992.
- _____. *MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 3, coleção TRANS. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 1ª Edição. São Paulo: 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A vida: a experiência e a ciência*. In: DA MOTTA, Manoel Barros (org.) *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e Escritos, II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. A Vontade de Saber*. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.
- KAC, Eduardo. *A arte transgênica*. (Entrevista concedida a Dolores Galindo). *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 247-56, outubro 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*, livro III, aforismo 121. In: *Nietzsche*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 202.
- PELBART, Peter Pal. *Vida Capital: Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa? In: LINS, Daniel (org). *Nietzsche/ Deleuze: Arte, Resistência*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 126-40.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

As imagens que compõem este giro foram montadas e manipuladas digitalmente por Bia Porto em julho/2010, a partir de fotografias dos Biótopos da série *Specimen of Secrecy about Marvelous Discoveries*, (2004/2006/2009) do artista Eduardo Kac, na Exposição: "*lagoglifos, biotopos e obras transgênicas*", Espaço Oi, Rio de Janeiro, março de 2010.



*Escrever menormente:
No menos, somente
Em perigo, totalmente:
Redemoïnhando
e dançando
no meio da rua:*

Gente

Gente

Gente.

Que se anuncie a transgressão desta escrita, gestada na vontade de fazer funcionar imagens que pulsam no/pelo texto. Escrita que se quer despropositada, efêmera, com Manoel de Barros para quem "há que se escovar as palavras, raspar delas os conceitos e descascar-lhes significados". Escrita que hesita, gagueja, rasura-se e se propõe a aceitar a palavra-pulsão, escrita-jorro que desenha pensamentos e se desenha e se avermelha e se diz e se des-diz e se, e, e,... Escrita que opta pela cor, que "se torna expressiva [...] quando adquire uma constância temporal e um alcance espacial que fazem dela uma marca territorial ou, melhor dizendo, territorializante: uma assinatura" (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 105). Assinar uma escrita experimental, que se fia/des-fia em fragmentos dispersos pelo texto. "O que não sei fazer desmancho em frases" (BARROS, 1996, p. 63).

Ato de escovar palavras: desenho lexical que se expressa-imprime e se quer imagem. "escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma", pelo fora da linguagem, produzindo pensamentos em linhas de fuga, que escapam pelas bordas, duvidando, tropeçando, negando-se.

ESCRITA
QUE SE AVERMELHA E SE ASSINA EM
TONS DE SANGUE INTENSO,
PROFUNDO;
COR QUE SE FAZ RESSOAR A MODO
DE RITORNELOS....
VIDA QUE SE COR-A
RUBOR

Palavras tecidas
rasgadas em tiras,
farrapos.

Palavras-resto esfarrapadas,
farfalhando
por superfícies manchadas,
territórios molhados,
espaços tingidos:
varal de palavras
borradas por
jorros de tinta

Fragmentos se rasgam na linguagem não-orgânica educação...

Farrapos piscantes,

restos inconstantes,

metamorfoseados:

papa do de=trans=formar.

*As coisas em geral não são tão fáceis de apreender e dizer como normalmente nos
querem levar a acreditar; a maioria dos acontecimentos é indizível, realiza-se em um
espaço que nunca uma palavra penetrou, e mais indizíveis do que todos os
acontecimentos são as obras de arte, existências misteriosas, cuja vida perdura, ao
lado da nossa, que passa.
(RILKE, 2009, p.23-4)*

Educação e(m) escrita - Estilo e(m) Resistência. Criação.

E escrita educação - Estilo de resistência. Criação.

Educação. Escrita. Resistência.

Desafio - Des-a-fiar, não fiando mais no cotidiano concreto dos
corredores, das palavras que des-con-fiam.

Pensar educação acontecimental, por experimentações na escrita:

Vida a-orgânica no ser-dito, palavra que enuncia:

Silêncios, solidão:
Suportar ausências
que o vazio provoca
enfrentar hiatos
des-certezas
des-materializações
deixar vazio
incerto
sem matéria...

Pensar educação acontecimental, por experimentações em imagens:

Vida a-orgânica, incorpórea, a-significada, que se vive em situações intencionais tensionando múltiplas possibilidades de sentir e pensar com imagens.

Giro. Rodopio. Vertigem.

Perder a referência espaço-temporal; alterar a relação corpo/velocidade/espaço, telespectador atirado ao meio, convidado a entrar na/pela potência da imagem, a deslocar-se por este fluxo...

Imagens a engolir o expectador, corpo desprotegido que se faz circundar por situações-cinema que o envolvem, entram por seus olhos, ouvidos e poros e movimentam suas entranhas: experimentações corpóreas produzindo deslocamentos, movimentando percepções.

Pensar educação acontecimental, por experimentações, pelas conexões arte e ciência:

Vida a-orgânica, singular, que se mostra por acontecimentos singulares que nos lançam em múltiplos caminhos possíveis de criação.

Vivemos singularidades que se exibem como territórios onde nos instalamos, moramos e caminhamos, em múltiplos lares barrocos. Vivemos envoltos em conchas, onde existem múltiplas possibilidades de desenvolvimento e de destruição.

Estamos dobrados, obviamente, em um universo leibniziano. Hoje, mais do que nunca, vivemos na casa do barroco, posto que mais do que nunca vivemos infinitamente dobrados nas múltiplas possibilidades de agenciamentos; um exemplo: a bioarte. Brincar com a possibilidade de interação seres/coisas: pessoas, microorganismos e máquinas, numa composição de aparatos tecnológicos,

que resultam nesse maravilhamento assombroso, assombramento maravilhado. Bioarte.

Mônada-acontecimento de Leibniz-Deleuze: uma matriz que mostra todas as posições possíveis em linhas que fogem, em intensidades que vão, em forças que fluem. Em vazios que se abrem:

Há, então, um vazio que se abre no interior de uma palavra: a repetição de uma palavra deixa escancarada a diferença de seus sentidos. Seria a prova de uma impossibilidade da repetição? Não, e é aí que aparece a tentativa de Roussel: trata-se de aumentar esse vazio ao máximo, tornando-o determinável e mensurável, e de preenchê-lo, então, com toda uma maquinaria, com toda uma fantasmagoria que religa e integra as diferenças à repetição (DELEUZE, 2004, p. 103).

Desconectar o nome das coisas, entre abrir, em disposição crianceira, recolher a pulsão da palavra-valise educação. Desmontá-la inicialmente em dois fragmentos, intensificando o que tensiona em *educa*: enforma, formata. Considerar o vocábulo *fôrma* na sua modalidade molde, modelo, encaixe, desenho, formato da coisa. Esticar o fragmento *ação*, movimentando sua forma - fazer, procedimento, deixando que pulse na palavra Forma o modo de fazer, jeito de proceder, a maneira. Deste estiramento vocabular, abrir o leque da ideia de *educação* para problematizá-la: Fôrma que se forma? Forma de enformar? Enformação...

Des-enformar a escrita - do lugar/prisão/território: escola - para despi-la de sua forma-fôrma aprisionada na linguagem educacional, num *delírio verbal*, que pega a palavra pela unha e a rasga, em gesto de cólera. No meio da rua habitada, enlouquecido furacão a girar, a esvaziar. Jorro, ventania que quer arruinar mundos, provocar desmanches nos corpos das orgânicas palavras, fazendo-as vibrar.

Vibração que se torna pensamento em *O que é a filosofia?* com Deleuze e Guattari(1992): "O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião - visando, esperamos, esse povo que ainda não existe" (p. 228).

Abrir uma brecha, abertura pelas potências do não, na busca pela criação de outros mundos possíveis como resistência... Preferiria não... Devir ativo, resistência bartlebiana, dissidência imprevisível que resiste sem se opor, como se criança fosse.

Retirar excessos de sentidos, como que a descascar, limpar, escovar significados de: *Educação, Pedagogia, Cultura, Memória, Escola...* Na busca pelo esvaziamento destes vocábulos, a tentativa de abrir espaços outros, de pensar sem representar.

Adjetivar substantivos, praticar a hiatagem, compreendida enquanto prática de navegação perambulante pela vida. Exercitar um pensamento nômade, desacostumar ideias, numa posição crianceira diante da vida.

Deixar-se capturar pelos intervalos, devanear e permitir-se mergulhos de Alice nos passeios por si, ou no completamente fora de si; percorrer-se sem medo de abrir portas, de beber elixires ou de enfrentar jaguadartes, como se Lewis Carroll em Jabberwocky...

Da palavra educação, nomear os seus excessos de organicidade, dos preenchimentos e "comos", modos-de-fazer, que saturam de procedimentos e metodologias, pedagogias e fundamentos.

No esvaziamento da palavra educação, a vontade de que se esvazie de seu corpo lexical, esqueleto-estrutura que se inscreve nas palavras:

Matéria: papéis, leis, material e trabalhos escolares;

Significados: discursos, conteúdos, explicações, currículo;

Sujeitos: identidades, igualdades, generalidades;

Tempos: da história, do cotidiano;

Espaços: escolas, instituições, políticas "como" coletividade do geral, generalizante...

Da palavra-valise *forma* derivam movimentos, ondulações semânticas prefixais que a negam ou a atravessam, sem no entanto ultrapassá-la, perfurá-la, roubando-lhe o sentido. Aproximando este substantivo feminino - *forma* - do outro - *educação* - foi possível ensaiar passos para uma dança vocabular. Inicialmente busquei na etimologia da palavra educação, sua derivação: do latim *educatio*, comporta a "ação de criar, de nutrir; amamentar, cuidar, educar, instruir, ensinar; cultura, cultivo". Repeti o procedimento para o vocábulo *forma*, para o qual resultaram múltiplos sinônimos, dentre os quais: "formato, feitio, figura; estado físico sob o qual se apresenta um corpo, uma substância etc.; aparência física de um ser ou de uma coisa; um ser ou objeto indistinto, percebido imprecisamente; modo, jeito, maneira, método".

Vontade de virar do avesso esses exercícios de reconhecimento. Amorfar a forma, morfa. Se palavras nomeiam coisas e procedimentos, com Deleuze e sua proposta do pensamento por experimentação é possível pensar outras abordagens para as palavras, fora do campo da representação, tornando-as múltiplas. Operar na vivência, na duração intensa e intensiva de um tempo aiônico, do infinitivo do verbo. Com este procedimento, transformá-las em palavras

pulsantes. Em seus pulsares, perceber matizes e nuances de cores, sons, formas, que abrem possibilidades para propor movimentos, danças vocabulares.

Gestos que abrem espaços vazios para outras composições, possibilidades de entrar pelo entre-aberto em palavras, já que: "A expressão deve despedaçar as formas, marcar as rupturas e as ramificações novas. Estando despedaçada uma forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas. Antecipar, adiantar a matéria" (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 43-4).

Segmentar sem silabar, apenas des-construir, desconectar o nome da coisa. Considerar a coisa em si para pensar em espaços, hiatos, dobras naquilo que nomeamos educação. Abrir fendas por entre as letras e dar-lhes uma chance de pulsar, mexendo-se. Provocar o soluço da língua, exercício de gagueira na palavra Educação, abrindo brechas ao pronunciar educa-du-ca-ção; cadauca-ção...

Com Deleuze, des-territorializar procedimentos, experimentar sensações invertendo os sentidos do nomeado, abrindo os poros para percepções mais integrais, de corpo inteiro. Aproximação entre Filosofia da diferença e Literatura, possibilidade de dobrar/des-dobrar a teorização lingüística fundada em uma matriz bidimensional, representada pelo par palavra-coisa, na proposta de:

"abrir as palavras", para: "... extrair das palavras e da língua os enunciados que integram estratos e seus limiares" e "abrir as coisas", de forma a: "... extrair das coisas visibilidades como construtos próprios de um estrato, provocando a aparição do enunciado de delinquência" (ALMEIDA, 2003, p. 63).

Enunciado de delinquência que vibra nos escritos poéticos de Manoel de Barros, assim: "Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras. Sou formado em

desencontros. A sensatez me absurda. Os delírios verbais me terapeutam" (BARROS, 2006, p.49).

Se, com Manoel de Barros, "para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto" (BARROS, 1994, 1ª parte, IX), o processo de ser uma árvore só se completa quando os galhos nascem do próprio corpo, saindo da voz. Tornar-se a coisa, ser a coisa em seu estado mesmo. É o delírio da sintaxe, em que substantivos ganham qualidades inusitadas, gerando um sentido completamente novo, totalmente "desacostumado".

Ao escrever apenas o rumor das palavras, sem dar-lhes significado, o poeta as aproxima de coisas, de objetos que podem ser quase tocados, assim: "Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca. Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz" (BARROS, 1994, 1ª parte, IX)...

Uma escrita que não quer ocupar o espaço vazio do devir. Uma escrita experimental que pratica a *hiatagem* e se deixa escorrer, que quer cortar e esvaziar, assumindo que "Cortar não é o oposto de escorrer (barrar), mas a condição sob a qual algo escorre, em outras palavras, o fluxo não escorre senão cortado" (ZOURABICHVILI, 2004, p. 15).

Educação: não mais que uma palavra...

Sem.

Tratar a palavra educação como conceito, criação, resistência. Tratar a palavra educação como não-orgânica, não-substância/corpo e a-significada. Abrir uma discussão para as possibilidades de pensar uma educação sem substância corpórea. Olhar para a palavra educação como uma obra de arte, resistindo à possibilidade de criar uma escrita outra.

O pensamento a respeito da vida criada movimentando-se no campo da educação, expandindo conceitos... e singularidades incorpóreas devêm sensações. A beleza da sensação, pelo afecto, é imanente...

A relação entre vida não-orgânica e linhas da arte, filosofia e ciência foi a aposta maior de a vida acontecer nesta tese, nos seus meandros fragmentados e irruptivos. A educação em devires pode ser/estar/conter esta/nesta fenda de a-significações. Se na arte encontraram-se os belos conceitos de resistência, é neste estilo de escrita que se resistiu educação. As linhas de fuga, que não convergem para nenhum ponto de meio, de margem ou de caminho, que perspectivam o infinito, compostas para o corpo e para o orgânico nestas obras de arte, me fazem lançar pensamentos para a singularidade educação. Pensares que se deixam atravessar por forças e se movimentam em turbilhonantes giros que ventam e varrem certezas. Pensar descertezas e suportar ausências, vazios; provocar esbarrões, choques, encontrões, entrelaçamentos de planos de pensamento.

Pensamentos como novas possibilidades de vida nos dizeres de Nietzsche, como "processo de subjetivação", pensamento-artista, vida como obra de arte com Foucault, como subjetivação em Deleuze (2006, p.123), vida que é "uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento... é um modo intensivo e não um sujeito pessoal". Uma vida não orgânica, que se movimenta em linhas, imanência absoluta em movimento.

Palavras, imagens, pensamentos, obras de Arte; singularidades que se encontram e se movimentam. Imagens singulares, palavras singulares. Neste vento que criou uma junção disjuntiva de sensações com a arte e com a filosofia por uma vida singular na educação... Desfazer e fazer, mas um fazer outro, singular, vivo, em movimento. Educação, vida e criação em três fios

entrelaçados no plano de composição da arte, dissolvendo os elementos em pura e absoluta sensação. Puro percepto, penetrando o mundo das sensações, bifurcando-se por nós, entrelaçando noções de vida orgânica e inorgânica, traçando outras linhas, no enquanto trabalha-se e pensa-se e provoca-se e muda-se de posição, desloca-se e estuda-se e força-se o pensamento a pensar e escolhe-se.

Vontade forte e colérica de outra imagem de vida, nova, singular, vital... Na arte, no pensamento, no virtual...

Um duelo teórico, poético e furioso, entre a vida orgânica e inorgânica, fazendo uma composição de singularidades de imagens e palavras com a educação. Uma tese. Uma aposta na busca de sentidos que se querem experimentações da arte, na arte, na criação de infinitos mundos, que se fazem múltiplos pelas possibilidades de singularizar. Desejo de explodir palavras. Desejo de embriaguez pelas palavras e imagens, de trançar letras, de abrir vazios, girando furiosamente. Sustentação colérica que convida a dançar na linha - ténue corda bamba a des-equilibrar -, sob o vento - forte...

Se a arte, a filosofia e a ciência - concebidas com Deleuze enquanto planos de pensamento - provocaram inicialmente uma organização das intenções da tese, a sua efetuação se deu por entrelaçamentos, pelas misturas dos planos.

O artista Eduardo Kac transforma-se em filósofo e cientista, posto que me aproxime de suas obras pela criação com palavras.

Os poemas de Manoel de Barros ganham tons de filosofia e o filósofo Deleuze pulsa em poesia pelos rubros e concretos escritos.

Destas misturas, deriva um plano-educação, como se uma força resultante, que atravessa a tese de forma sutil, em frases ténues, que não querem afirmar

e prescrever e preencher e fixar. A escrita-experimentação na educação aposta neste entreter e entremear e entrever planos, na possibilidade de de-substancialização do sujeito, na criação de palavras e imagens singulares, no movimento turbilhonante que se gera nesses encontros.

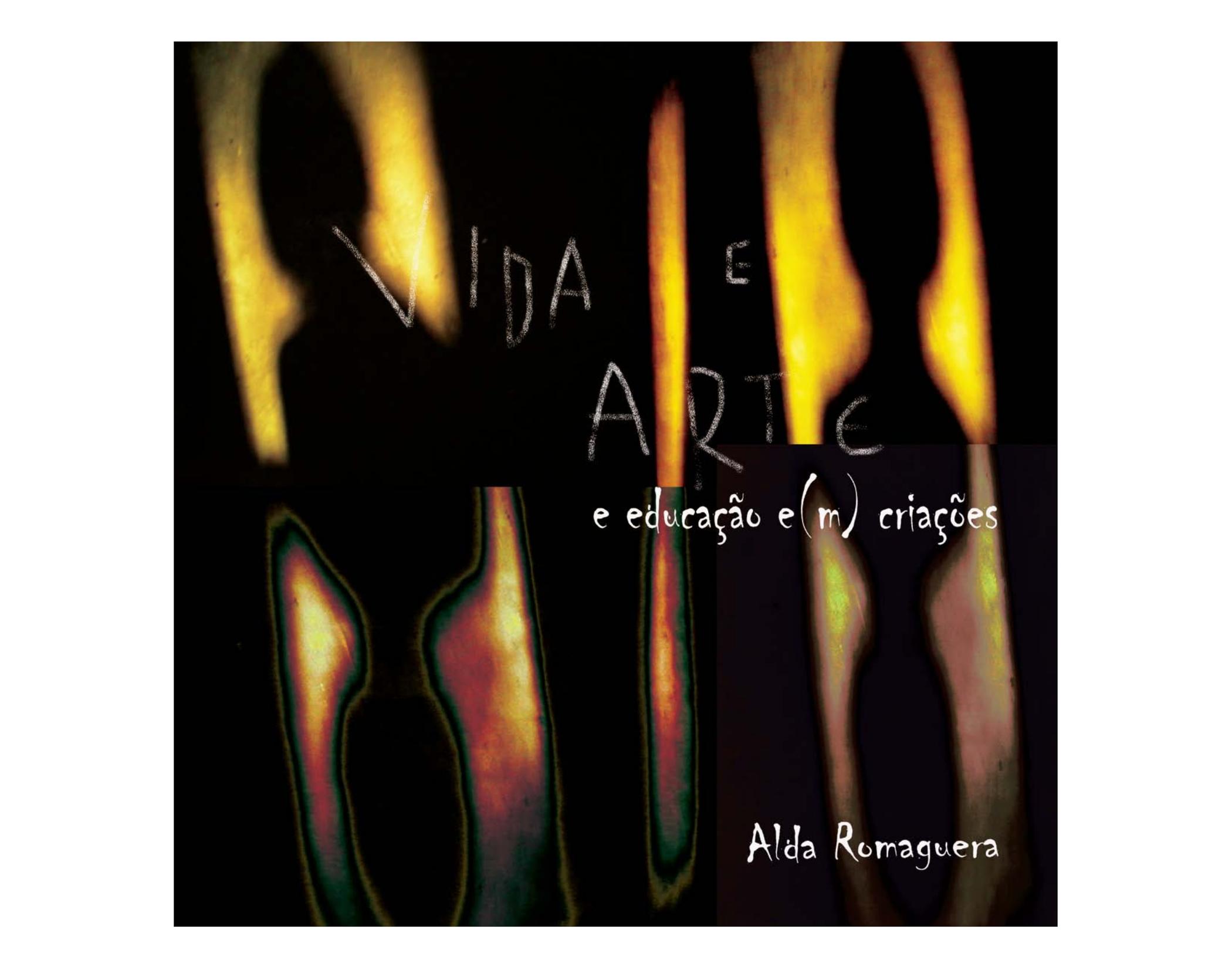
A linha tênue, que materializa o entre e nele quer criar possibilidades de afecção, que desterritorializa a vida e a arrasta para limiares inéditos: entre vida acontecimental, a arte e a resistência.

Tênue linha, como a que se desenha no horizonte, a problematizar a criação de pensamentos na separação que não separa nem une, mas que provoca encontros fugazes, singulares. O plano-educação, uma resultante da separação/junção, tênue linha no horizonte a criar singularidades visíveis; num por e nascer do sol, num surgir e desaparecer de objetos na reta que esconde a curva do invisível. E pela criação se resiste educação...

*Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um.
Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto.
Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser
realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente.
Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom.
Insatisfação é juventude (RILKE, 2007, p. 192).*

Bibliografia

- ALMEIDA, Julia. *Estudos Deleuzeanos da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- _____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Memórias inventadas - A infância*. São Paulo: Planeta, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed.34, 1992.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 192.
- _____. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 23-4.
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.



VIDA E
ARTE

e educação e (m) criações

Alda Romaguera

